

ASSIM VEREMOS BREVEMENTE



# ★ TERESA CASAL ★

NO ÚLTIMO FILME REALIZADO POR ARTUR DUARTE



VIDA MUNDIAL

# ★ ILUSTRADA

SEMÁRIO GRÁFICO DE ATUALIDADES

ANO VI—N.º 266

27 DE JUNHO DE 1946

PREÇO AVULSO 2\$00



# POR FERREIRA DE CASTRO



A banda da Nave de Santo António surgira uma bafarada de nevoeiro, logo outra e outra e em seguida, compacto nevoeiro, que desci para o vale. Pouco depois, baixavam do céu uns rufanões surdos, prolongados, como se os deus das alturas estivesse a arrastar os seus móveis. Pumba! deixara faltar um. E o silêncio, um silêncio húmido de fim de milva, volvia.

O «Piloto» começara a mostrar-se nervoso nos braços do seu dono. Estavam o homem e o cão ao pé da nascente do Zêzere, a mudear da terra, agora, quebrada pelo som de dispersas campainhas. Horácio ouvira o voz de Tónio praguejar, irritada, contra as ovelhas, mas não via coisa alguma, no meio da névoa que o cercara. Os seus olhos estavam cheios de branco, um branco espesso e frio, que se movimentava, mas que, de perto, parecia estático, como uma branca e sólida eternidade.

Horácio depôs no chão o «Piloto» e chamou:

—Tónio! Tónio!

O outro respondeu de longe:

—Estou aqui... Vem cá!

Ele arriou alguma coisa através da bruma, em direcção à voz. Mas, pouco depois, voltava a gritar:

—Tónio! Eh, Tónio! Onde estás?

—Aqui, à entrada do Covo da Metade...

Consegui a orientar-se pela estrada, que branquejava sob os seus pés. O som das campainhas era, agora, mais nítido e, de quando em quando, ouvia-se um balido de ovelha, serrado na cerração.

Horácio divisiu os sapatos e a ponta do cajado de Tónio, antes mesmo de lhe ver o resto, que o balido envolvia. Estava encostado a um rochedo, na attitude de quem se resigna, impotente. Mas, ao ver Horácio, largou o varapau e abriu os braços, num alvoroço:

—Dá cá esses ossos! — e abraçou-o, fortemente. — Então, como estás? — E, ao solitário, procurava contemplá-lo de alto a baixo, vencendo a bruma: — A modos que a tropa te fez bem... Estás melhor?

Era o primeiro posto que Horácio tinha naquelle dia. De toda a família do Valadares, só por Tónio, o filho mais velho, ele lavrava estadia. Haviam passado juntos que toda a adolescência e começo da mocidade. Separados do verão, quando Horácio pastoreava na serra, logo que se iam a dar um leve das para a Idanha, os dois conviviaem todos os dias, iam crescendo e trabalhando ao lado a lado nas mil tarefas que, aqui sua casa e terra, Valadares descobria sempre para os filhos e para o

zagal. Tónio parecia, às vezes, mais velho do que do próprio irmão, e, frouxo até por intermédio dele que Horácio, por duas vezes, pedira, inutilmente, aumento de soldado ao Valadares.

Agora, Tónio dizia:

—Já sabia que tinhas voltado, mas não pensei que viessees para aqui tão cedo... Não las casar?

Ele fez um gesto vago e o outro ficou num momento a olhá-lo, em silêncio. Depois, Tónio considerou que já se lhe fazia mais difícil do que, a principio, lhe parecia, dizer a Horácio aquilo de que o haviam encarregado.

Na encosta próxima, um choacal badalou, solitário.

—Por onde aquela andal! — comentou Tónio, para afastar as suas próprias preocupações. — Há um bocadinho, o gado tremalhou-se de repente. Nesta semana é a segunda vez que isto me acontece. Houve uns dias de muito sol e, depois, os nevoeiros vieram outra

vez. De quando em quando, passava, por eles, uma ovelha, passava como numa paisagem submarina e a sua lá branca parecia diluída, tornara-se também curvada desvia-lhe o rumo, metê-la no abertura que se adivinhava entre o nascimento de duas pedras, à flor da terra. Mas, com dois passos, a ovelha desaparecia na fumareda, como se, numa rápida tremura, se houvesse desfeito. Junto deles via-se apenas o fochinho do «Lanzudo», que parecia não ter corpo, que parecia ser apenas uma enorme cabeça de molosso suspensa no ar.

—Dize-me uma coisa: como te deste por lá?

Horácio teve um sorriso melancólico:

—A principio custou-me muito, mas, depois, habituei-me, como remédio!

—Há-de contar-me como isso é. Quando me lembro de que se o vigário não metesse empenho por mim, eu também teria de lá, até treme!

A neblina começara a esgarçar-se para a banda do vale, balida por uma aragem mais forte. E, por cima deles, voltaram a fazer-se ouvir os tumultos melódicos. Por fim, o nevoeiro rasgou-se, num momento, e Horácio examinou o céu suspieto.

—Parece-me que não posso chegar com o gado a não sem apanhar uma carga de água...

—É o que eu já tinha pensado! — concordou Tónio. — O melhor é ficarmos cá dentro, nas cabanas, até isto passar.

Agora, a bruma desprendia-se da terra, e apanhava dela. E, nos acidentados derredores, cheios de urzes e de penedos, apareciam, pastando tranqui-

lamente, várias ovelhas. Tónio chamou-as:

—Tchhi! Tchhi! Velhinhas!

Uma e outra obedecia logo e, às que faziam ouvidos moicos, não enviava uma pedreira. O «Lanzudo», já mostrando todo o seu enorme corpo de prumo por mais fabulosa e servia de porta natural para o circo onde nasce o Zêzere, porta que parecia dar para o túmulo dum deus. Além dela, as ovelhas, chamadas, enxotadas ou apedrejadas, iam passando, enquanto Tónio se contava.

—Faltam quatro, mas talvez já estejam lá dentro.

Os dois entraram. No Covo da Metade, a bruma, encarcerada por vastas massas pedras, elevava-se mais lentamente do que de fora. Mas já se via a terra plana, dum banda já coberta de verde servum, que o rebano lá devorando, há outra vez alvíscos e, ao centro, o rio correndo, nos zig-zags, sob aquela fumaceira, como se fosse a fervor.

Tónio recostou as ovelhas e tranquilizou-se: estavam todas. Depois, fez um cigarro e ofereceu o tabaco e o papel a Horácio. Este momento pareceu-lhe proprio para lançar a ideia, mas deteve-se. «Talvez fosse melhor outra ocasião, e quando estivessem sentados. Tinha de fazer um grande rodado, pois Horácio era esperto e ele não devia começar logo a falar daquilo».

En frente, viam-se alguns abrigos, que velhos pastores tinham erguido no fundo do Covo da Metade, como no fundo dum grande cartão. Formados por três paredes de pedras soltas arrumadas a uma fraça, eram pouco maiores do que casota de cão e neles, pela porta estreita e baixa, só como um cão se podia entrar, subindo e descendo, deixando Horácio para um dos abrigados e ao seu portinho se sentaram.

—A bruma subiu e fez mais, deixando a descoberto os medonhos contrafortes do berço do Zêzere. Lana rotunda metea, gravos misteriosos de linhas imprevisíveis, começava a aparecer como se as névoas do principio do mundo a abandonassem pela primeira vez. Iam-se desvendando e, em massa, de granito, no fundo, à direita, à esquerda, pedra de todos os milênios, pedras dum só bloco e rude traça, que se apresentavam com uma soberba, uma majestosa ascensão.

Essas muralhas, fúlbrias e irregulares, cheia de arestas, de vincos, crenelada rapidamente atrás do nevoeiro que se retirava. Cada vez se mostrava mais alta, mais arrogante cada vez — e, assim tapada nos cumos, dir-se-ia não ter fim. Pouco depois, porém, tripulava-se, libertando as suas três cabeças das touças de algóido em rama — e um relâmpago de luz, apanhava a terra, lá nas alturas, as formas orgulhosas, absurdas, fantásticas dos três Cantaros Magro, apanhava a sua regularidade, erguera o fochino para o céu e dasartara a nivar lúgubremente, interrompendo, e apanhava, quando por Tónio, falava da vida militar.

O anfiteatro colossal em que eles se encontravam, apanhava a sua imponência. Era dum grandeleste áspere, severa, essa rotunda pró-

pria para um templo de mitos alpeares. Estava metido entre assombrosas florações de granito e terminava o Cantaro Magro, que lembrava a caracama dum imensurável castelo de outrora, do qual se aproximassem fulminantes coriscos. Dir-se-ia que a natureza quisera defender e impregnar de mistério a nascente do Zêzere — fechando-a como numa fortaleza. E, contudo, parecia que o rio flua apenas um pretexto. Era uma pobre, trémula fita de água, ora muito estreita, ora mais larga, às vezes quase invisível, que se agarrava lá do alto por um sulco e dilacera da rocha negra, aberta para dar melhor caminho. Ao seu lado, porém, tudo se agigantava. Sob os frescos relâmpagos, alguns trechos dos penedos, cheios de estrias, de saliências, de avanços e de recuos, pareciam oriundos numa floresta petrificada.

Outros, poliformes, laminados, lápides desmesuradas coladas umas às outras, pareciam livros de gigantes encrustedos na montanha, escuros e corroídos pelo tempo, no meio dum céu de linhas verticais, tocadas de irregularidade.

Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

—Havia um contínuo trovejar. A temperatura aproximava-se e o céu a escuridão cada vez mais profunda, o remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo. Deu de repente, pareciam ser um alívio, remando de longe, lentamente, e possuía nos topos de Cantaro Razo.

um garotinho de olhos pávidos, tão redondos, tão inchados de pavor, que dir-se-iam fora das órbitas e prestes a rebolar.

— Eh, rapaz! Que fazes aí!

— Não respondeu. Continuava a olhá-los com aqueles olhos esbugalhados, como se não os visse nem os ouvisse. Mas todo ele tremia e uma baba escura sujava-lhe a boca.

— Foste tu que gritaste?

— Continuou calado.

— O alma do diabo, tu não sabes falar!

Devia ter nove, dez anos, estava vestido de remendos e continuava a tremer. Fez um esforço, viu-se que queria dizer alguma coisa, mas ficou sem palavra. Horácio entrou e, então, deu conta de que era uma dessas crianças que os pais mandavam pastorear seu gado por silvados, valados e caminhos dos arredores da vila, como então, outrora, quando pequeno. Por detrás do garoto, na escuridade, estavam cinco ovelhas, muito juntas, de cabeças encostadas umas às outras.

— Horácio levantou o corpião e conduziu-o para a beira do rio. Tónio, reconheceu-o.

— É mais novo do tio Avellino.

Molharam-lhe a testa várias vezes e continuavam a falar-lhe, no desejo de ouvir. Fez um esforço, viu-se que queria dizer alguma coisa, mas ficou sem palavra. Horácio entrou e, então, deu conta de que era uma dessas crianças que os pais mandavam pastorear seu gado por silvados, valados e caminhos dos arredores da vila, como então, outrora, quando pequeno. Por detrás do garoto, na escuridade, estavam cinco ovelhas, muito juntas, de cabeças encostadas umas às outras.

— Por que diabo viste para aqui?

— Não respondeu. Continuava a olhá-los com aqueles olhos esbugalhados, como se não os visse nem os ouvisse. Mas todo ele tremia e uma baba escura sujava-lhe a boca.

— Foste tu que gritaste?

— Continuou calado.

— O alma do diabo, tu não sabes falar!

Devia ter nove, dez anos, estava vestido de remendos e continuava a tremer. Fez um esforço, viu-se que queria dizer alguma coisa, mas ficou sem palavra. Horácio entrou e, então, deu conta de que era uma dessas crianças que os pais mandavam pastorear seu gado por silvados, valados e caminhos dos arredores da vila, como então, outrora, quando pequeno. Por detrás do garoto, na escuridade, estavam cinco ovelhas, muito juntas, de cabeças encostadas umas às outras.

— Por que diabo viste para aqui?

— Não respondeu. Continuava a olhá-los com aqueles olhos esbugalhados, como se não os visse nem os ouvisse. Mas todo ele tremia e uma baba escura sujava-lhe a boca.

— Foste tu que gritaste?

— Continuou calado.

— O alma do diabo, tu não sabes falar!

Devia ter nove, dez anos, estava vestido de remendos e continuava a tremer. Fez um esforço, viu-se que queria dizer alguma coisa, mas ficou sem palavra. Horácio entrou e, então, deu conta de que era uma dessas crianças que os pais mandavam pastorear seu gado por silvados, valados e caminhos dos arredores da vila, como então, outrora, quando pequeno. Por detrás do garoto, na escuridade, estavam cinco ovelhas, muito juntas, de cabeças encostadas umas às outras.

— Por que diabo viste para aqui?

— Não respondeu. Continuava a olhá-los com aqueles olhos esbugalhados, como se não os visse nem os ouvisse. Mas todo ele tremia e uma baba escura sujava-lhe a boca.

— Foste tu que gritaste?

— Continuou calado.

— O alma do diabo, tu não sabes falar!

Devia ter nove, dez anos, estava vestido de remendos e continuava a tremer. Fez um esforço, viu-se que queria dizer alguma coisa, mas ficou sem palavra. Horácio entrou e, então, deu conta de que era uma dessas crianças que os pais mandavam pastorear seu gado por silvados, valados e caminhos dos arredores da vila, como então, outrora, quando pequeno. Por detrás do garoto, na escuridade, estavam cinco ovelhas, muito juntas, de cabeças encostadas umas às outras.

— Por que diabo viste para aqui?

— Não respondeu. Continuava a olhá-los com aqueles olhos esbugalhados, como se não os visse nem os ouvisse. Mas todo ele tremia e uma baba escura sujava-lhe a boca.

— Foste tu que gritaste?

— Continuou calado.

— O alma do diabo, tu não sabes falar!

Devia ter nove, dez anos, estava vestido de remendos e continuava a tremer. Fez um esforço, viu-se que queria dizer alguma coisa, mas ficou sem palavra. Horácio entrou e, então, deu conta de que era uma dessas crianças que os pais mandavam pastorear seu gado por silvados, valados e caminhos dos arredores da vila, como então, outrora, quando pequeno. Por detrás do garoto, na escuridade, estavam cinco ovelhas, muito juntas, de cabeças encostadas umas às outras.

— Por que diabo viste para aqui?

— Não respondeu. Continuava a olhá-los com aqueles olhos esbugalhados, como se não os visse nem os ouvisse. Mas todo ele tremia e uma baba escura sujava-lhe a boca.

— Foste tu que gritaste?

— Continuou calado.

— O alma do diabo, tu não sabes falar!

Devia ter nove, dez anos, estava vestido de remendos e continuava a tremer. Fez um esforço, viu-se que queria dizer alguma coisa, mas ficou sem palavra. Horácio entrou e, então, deu conta de que era uma dessas crianças que os pais mandavam pastorear seu gado por silvados, valados e caminhos dos arredores da vila, como então, outrora, quando pequeno. Por detrás do garoto, na escuridade, estavam cinco ovelhas, muito juntas, de cabeças encostadas umas às outras.

— Por que diabo viste para aqui?

— Não respondeu. Continuava a olhá-los com aqueles olhos esbugalhados, como se não os visse nem os ouvisse. Mas todo ele tremia e uma baba escura sujava-lhe a boca.

— Foste tu que gritaste?

— Continuou calado.

— O alma do diabo, tu não sabes falar!

Devia ter nove, dez anos, estava vestido de remendos e continuava a tremer. Fez um esforço, viu-se que queria dizer alguma coisa, mas ficou sem palavra. Horácio entrou e, então, deu conta de que era uma dessas crianças que os pais mandavam pastorear seu gado por silvados, valados e caminhos dos arredores da vila, como então, outrora, quando pequeno. Por detrás do garoto, na escuridade, estavam cinco ovelhas, muito juntas, de cabeças encostadas umas às outras.

— Por que diabo viste para aqui?

— Não respondeu. Continuava a olhá-los com aqueles olhos esbugalhados, como se não os visse nem os ouvisse. Mas todo ele tremia e uma baba escura sujava-lhe a boca.

— Foste tu que gritaste?

— Continuou calado.

— O alma do diabo, tu não sabes falar!

Devia ter nove, dez anos, estava vestido de remendos e continuava a tremer. Fez um esforço, viu-se que queria dizer alguma coisa, mas ficou sem palavra. Horácio entrou e, então, deu conta de que era uma dessas crianças que os pais mandavam pastorear seu gado por silvados, valados e caminhos dos arredores da vila, como então, outrora, quando pequeno. Por detrás do garoto, na escuridade, estavam cinco ovelhas, muito juntas, de cabeças encostadas umas às outras.

— Por que diabo viste para aqui?

— Não respondeu. Continuava a olhá-los com aqueles olhos esbugalhados, como se não os visse nem os ouvisse. Mas todo ele tremia e uma baba escura sujava-lhe a boca.

— Foste tu que gritaste?

— Continuou calado.

— O alma do diabo, tu não sabes falar!

Devia ter nove, dez anos, estava vestido de remendos e continuava a tremer. Fez um esforço, viu-se que queria dizer alguma coisa, mas ficou sem palavra. Horácio entrou e, então, deu conta de que era uma dessas crianças que os pais mandavam pastorear seu gado por silvados, valados e caminhos dos arredores da vila, como então, outrora, quando pequeno. Por detrás do garoto, na escuridade, estavam cinco ovelhas, muito juntas, de cabeças encostadas umas às outras.

— Por que diabo viste para aqui?

— Não respondeu. Continuava a olhá-los com aqueles olhos esbugalhados, como se não os visse nem os ouvisse. Mas todo ele tremia e uma baba escura sujava-lhe a boca.

— Foste tu que gritaste?

— Continuou calado.

— O alma do diabo, tu não sabes falar!

Devia ter nove, dez anos, estava vestido de remendos e continuava a tremer. Fez um esforço, viu-se que queria dizer alguma coisa, mas ficou sem palavra. Horácio entrou e, então, deu conta de que era uma dessas crianças que os pais mandavam pastorear seu gado por silvados, valados e caminhos dos arredores da vila, como então, outrora, quando pequeno. Por detrás do garoto, na escuridade, estavam cinco ovelhas, muito juntas, de cabeças encostadas umas às outras.

— Por que diabo viste para aqui?

— Não respondeu. Continuava a olhá-los com aqueles olhos esbugalhados, como se não os visse nem os ouvisse. Mas todo ele tremia e uma baba escura sujava-lhe a boca.

— Foste tu que gritaste?

— Continuou calado.

— O alma do diabo, tu não sabes falar!

## UM CERTAME DE ARTE, NO PORTO

# A EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE MENDES DA SILVA NO SALÃO SILVA PORTO

**E**STE rapaz de que lhes vou falar — um rapaz com quadrenta anos feitos, seguro de si, da sua técnica e da sua arte — conhecido muito novo. Visitou-o, teria vinte anos, pouco mais, em sua casa. Então, simples autodiata, pincelava paisagens e interiores. Hesticações visíveis, mas, no íntimo, uma grande labareira a incinerá-lo.

Ferido de vista. Uma ou outra vez, nos acasos da vida cittadina, cada dia mais áspera e dura, cruzávamo-nos, num breve sinal de cumprimento. Mas o seu nome chegava com frequência aos meus ouvidos: «Estive na exposição do Mendes da Silva? Não! Val lá, que aproveitará bem o tempo!».

Diziam-me: — É um caso extraordinário. Vocação inata fez dele um pintor de talento. Estudou anos, com afinco. Fez um curso brilhante. A força de vontade, de energia, tornava-se professor. Publicou livros didáticos sobre desenho — livros que correm com êxito em Portugal e no Brasil. É continua simples, modesto, apagado, anónimo. Não perca a sua próxima exposição, fruto intenso de três anos de trabalho — asseguravam.

E eu qui ver para crer. E lo go no primeiro dia fui ao Salão Silva Porto,



Sr. João Baptista na prisão

olhos pedinçados. Em frente da castirolha, sob a aba dum lúca, estava o rebuão do Valadarez, com o «Lanzado» ao pé. Tónio chamou o seu cão. E entre este e o «Pilotto» dividiu quanto pôde a sobeja. Depois disto, olhando para a chuva rala, miudinha, que subsistia:

— Talvez se saiba como pode arranjar dinheiro.

Horácio voltou-se, surpreendido, para ele:

— Como?

Tónio não respondeu logo. Olhou novamente através da chuva e pôs-se a mastigar com mais rapidez para desimpedir a boca. Sentia, ao seu lado, a ansiedade de Horácio, mas ele próprio hesitava, agora, em falar daquilo.

— Bem. Eu não sei se devia dizer-te... Mas, enfim... tu és quase como meu irmão... Mudou o tom de voz: — Tu juras que não contarás nada a ninguém, mesmo que não queiras fazer o que eu te disser?

Horácio olhava-o, espantado. Tónio baixara a vista e aguardava.

— Homem, está bem, jurto. De que se trata?

Tónio parecia ainda vacilar. Ia tirando, lentamente, as migalhas que lhe haviam ficado coladas na ponta dos dedos e contemplando os dedos como se neles se encontrasse o seu regozego.

(Inédito extraído do novo romance de Ferreira de Castro sobre a Serra da Estrela.)



O pintor Mendes da Silva, junto de dois dos seus quadros, no Salão Silva Porto

sica. No retrato — pedra de toque dos verdadeiros artistas — supera-se. Dois exemplos: o de «Minha mulher», de impressionante espiritualidade, e o do jornalista Jaime Ferreira, feito, apenas em duas sessões, à luz artificial, documentam as facilidades e o talento deste mestre.

Apaiçoadado da noite, a grande confidente dos solitários e dos românticos, Mendes da Silva esmagou com os seus nocturnos. Um — «Noite de luar do Porto» — bastaria para o consagrar.

Depois de ver no esplendor da sua arte — obra séria, honrosa e humana — entendo do meu dever dar público testemunho da minha admiração ao artista que, vindo de humildes origens, chegou, pelo estudo e pelo talento, a nitida e rutila vitória.

JULIANO RIBEIRO

Uma das paisagens que demonstram a técnica segura do talentoso pintor



«Rapazes jogando a bisco» — um dos expressivos quadros de Mendes da Silva

prefira  
**SHEAFFER'S**

a caneta de tinta  
permanente  
de fama  
mundial



**Skrip**

O. SUCESSOR DA TINTA

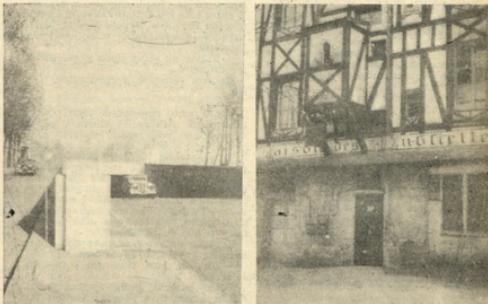
DISTRIBUIDOR PARA PORTUGAL  
**AZEVEDO & DUARTE, L.**  
RUA DO CRUCIFIXO, 76, 1.º - LISBOA - TELEF. 26296



1) Entrar numa destas aberturas do solo é caminhar para uma aventura nocturna.  
2) O metropolitano, depois de respirar, mergulha no reino dos sombras.



Horível e miseriosa caverna onde outrora se torturavam os presos



1) As ruas entram por vezes pela terra, para facilitar o trânsito. 2) Um museu subterrâneo, atracção dos visitantes dominicais.

# OS SUBTERRÂNEOS DE PARIS

**S**E, por fatalidade, qualquer cataclismo ou qualquer maravilhosa invenção bélica deixasse a cidade de Paris reduzida a um montão informe de ruínas, mesmo assim, mais tarde, os arqueólogos encontrariam, sob os escor-



Uma cozinha subterrânea

ros, uma enorme cidade subterrânea, cheia de mistérios e de curiosidades.

Por baixo do Père Lachaise encontram os túmulos israelitas, sob Montrouge, Gentilly e Montsouris perder-se-iam nos antigos caminhos galo-romanos, onde há larga profusão de ossadas humanas, trazidas de vários cemitérios. Os restos de Danton, Desmoulin, La Voisier e Robespierre devem encontrar-se ali, entre o anonimato dos esqueletos abandonados.

Embrenhar-se-iam no vasto emaranhado dos esgotos da cidade, encontrariam aquedutos, linhas do metropolitano, casas fortes de Bancos, as modernas cavernas de Paris, abrigos de guerra, restaurantes, «cabarets» e teatros. E poderiam ver, horrorizados, a coleção de instrumentos de tortura, usados durante a Idade Média, existente no Hôtel des Trois Maillets.



As águas calmas do Sena correm eternamente nos subterrâneos ignorados



Num «cabaret» de Montmartre

Este homem dedicou a sua vida aos subterrâneos de Paris — companheiro dos ratos e inimigo das granchas...



# HISTÓRIA DUMA MENINA DE DOZE ANOS QUE NASCEU POETISA



Já por diversas vezes «Vida Mundial Ilustrada» tem registado, nas suas colunas, casos verdadeiramente notáveis de prodigiosas vocações reveladas logo no alvorecer da adolescência.

Ainda recentemente, apresentámos aos leitores o prodigioso Jogador de xadrez do Porto, mestre daquele jogo, que com quinze anos, ainda estudante do liceu, vencera, num renhido campeonato, os mais consagrados titulares.

A Sociedade de Geografia, onde decorreu o torneio, ocorreu uma multidão de curiosos para ver jogar o jovem campeão.

E toda a gente passava do prodigioso factócio que ele sabia desenvolver, defrontando os melhores valores do xadrez nacional, homens de larga experiência, alguns num contraste flagrante de cabelos brancos ao lado dum sorriso ingénuo de criança. Caso também notável — o de José Carlos, o «virtuoso» pianista, discípulo de Viana da Mota, que veio expressamente de Lourenço Marques a expensas da colónia, para se educar na metrópole. Cêdo se revelou o seu caso precoce. Na rádio, em concertos públicos, o domínio e a técnica do piano parecem que se renderam diante daqueles dedos tão hábeis que dis-solam dum mestre.

Ao microfone da Emissora, onde actuou em alguns concertos, tocando para os seus amigos de Lourenço Marques, José Carlos impôs, apesar dos treze anos, o expressivo talento musical de que, dia a dia, se vai apoderando.

Outro espantoso artista que ainda o público, há pouco, aplaudiu freneticamente, é Sérgio Varela Cid, filho do consagrado Lourenço Varela Cid, professor do Conservatório e concertista de projecção internacional.

Francino, mal ainda chegava ao piano, já improvisava sobre o teclado com tal graça e ingenuidade que encantava. Nos momentos de recreio pouco brinca, e bailarina por extraordinária vocação, Sérgio improvisava os mais líricos motivos, cheios de ritmo, que eram verdadeiras legendas de ingénuos ballados.

E Vasco Barbosa! Ainda de calções, brincalhão, segurando o violino em arcadas de mestre, segue já uma carreira de virtuosos como seu pai, o artista Luís Barbosa.

Poderíamos dizer aqui ainda mais alguns casos dignos de serem conhecidos. Essa pequena escola do Viveiro Musical, artistas ao palmo o melo, Musical, artistas ao palmo o melo, a esperancosa Rosa Maria Sobral Cid, uma pintora que tem deslumbrado, em exposições, o público com os seus quadros, onde há já a certidão de maioridade duma artista, apesar dos quinze anos, que ainda mal conta, o pequeno Galvão Teles que, na Feira do Livro, o ano passado, ofereceu ao Ministro da Educação Nacional um livro de versos, feito com a ingenuidade dos seus dez anos — e, por aí fora, uma fileira interminável de vocações, onde há de tudo: escultores de bonecos, artistas de desenho, músicos, poetas, actores.

Leon Denis conta, num livro, que um garoto de oito anos tendo assistido, na companhia dos pais, a um concerto, veio de lá tão impressionado que, sentando-se ao piano, movido por influência quase divina, tocou alguns dos trechos que melhor lhe ficaram no ouvido.

A admiração dos pais não teve limites, tanto mais que o pequeno em questão nunca aprendera música — nem o sabiam com vocação para essa arte.

E que dizer de Mozart, tocando aos quatro anos? E daquele pequeno americano que construiu, em ma-

deira, uma grande ponte onde se viam os mais insignificantes pormenores que encantaram os próprios engenheiros?

\*\*\*

«Vida Mundial Ilustrada» regista hoje, nas suas colunas, mais um caso de prodigiosa vocação: o nascimento, para as letras, duma nova poetisa: Maria da Graça Vaquinhas Varela Cid.

Tem doze anos, vivos, já com personalidade. Na família há dois primos, também prodigiosos: o Sérgio e a Vera Varela Cid, ambos filhos de Lourenço Varela Cid, o extraordinário concertista e professor do Conservatório.

O seu livro, «Ao nascer do sol», é mais do que uma promessa: é a revelação dum temperamento que, decerto, triunfará plenamente no mundo das letras.

Margarida Lopes de Almeida, ao ler o livro da jovem poetisa não pôde esconder a sua emoção — e prestabilhe, em justas palavras de apreço, a melhor homenagem para os méritos revelados. Maria da Graça estuda em casa e no liceu — e piano. E mais o seu tio Varela Cid que a encaminha. Nos momentos de recreio pouco brinca. Estuda, lê, medita. Apareceu, dum momento para o outro, junto da mãe com umas quadras, que tinham essência poética. Proseguiu este volume: «Ao nascer do sol», que é a melhor prova do seu merecimento.



Maria da Graça Varela Cid pouco tempo perde com os brinquedos. Quando se dispõe a isso, o «Pinóquio» é o seu companheiro predilecto.



A filiação do piano é seguida com toda a atenção

Um momento de estudo? Não: a pequena poetisa, no seu quarto, olhando o ruo, está a escrever versos.

A poetisa e sua mãe, D. Maria Fernanda Vaquinhas Varela Cid

Um momento de inspiração



# CRÓNICA INTERNACIONAL

## UM GRITO DE ALARME

### POR FRANCISCO VELLOSO

UM dos mais prudentes e argutos comentaristas de sucessos internacionais, exercida em Londres no mês de Abril — quando o ângulo do dissídio russo-inglês já se obituava além de todo o conservável — estes conceitos que, sem rasarem por optimismos, tomam do ponto de vista mais seguro a evolução das coisas:

«Os melhores juízos políticos possuem numa apreciação objectiva dos acontecimentos. E se, por vezes, um certo número de elementos accedários, mais ligados à época, às circunstâncias locais, aos fenómenos objectivos, coram e animam a vida política, constituem em geral o seu cenário. Quando o olhar do observador se concentra no aspecto dramático que pode assumir a vida mais essencial entre elavos e anglo-axões, só retém a superfície das coisas. Começa-se então a trariar nas hipóteses mais ou menos absurdas em que as crises parecem irreduzíveis e se afirmam confluentes à guerra. Contra estas eventualidades jogam, no entanto, muitos factores psicológicos e até técnicos. Mais profundamente analisada, a actual alternativa da guerra e da paz, por mais angustiada e trágica, resolve-se numa alternativa entre soluções que levam à paz, mas por caminhos mais ou menos difíceis e semeados de crises».

Se tivemos sempre presentes no espírito estes dizeres, e não maduramente reflectimos, melhor poderemos defender-nos das paixões que perigosamente interpretam segundo os seus desejos e aspirações restritas, a marcha dos acontecimentos e confundem na defesa egoística de interesses próprios as concepções mais generosas a bem da humanidade, ultrapassando a fronteira do legítimo para garantia da segurança nacional.

#### MAU TEMPO

Durante a oitava, o curso da Conferência de Paris, para a qual convergem os olhares de todos os povos, não melhorou. Em torno do tratado de paz com a Itália, as discussões rotacionam. A 18, os títulos e sub-títulos dos telegramas assinalam no seu contexto referências a attitudes extremamente violentas.

A Janssen Byrnes chamamos algum, talvez para effectos de reportagem, um *prestidigitador de compromissos*. Diz-se que o velho politico, oriundo das terras ricas e enolladas da Carolina do Sul, que chegou a senador depois de ter sido sucessivamente estenógrafo, jornalista, advogado e *solicitor*, e conta no seu activo o apoio à campanha norevolutiva do *New Deal*, e ter lançado a fundo a sobrepoderação das indústrias de armamento — diz-se que, admitindo a frio o cheque da Conferência, guarda na sua pasta um «plano especial» para o velho continente. Seria este o seu golpe de recuo ocasional. Mas como realizá-lo? Sem idéas preconcebidas acerca dos problemas em suspensio, Byrnes é dominado só pelo desejo de lobrigar uma saída para o beco em que a Conferência se encontra, e consegue, se for possível — para o que acaba de repetir a Moscova a negação do empréstimo de um bilhão de dólares — uma espécie de *modus vivendi* com a Rússia, embora opondo-se por persuasão à sua expansão no continente.

A verdade é, porém, que o prestidigitador não sobressai nas suas artes, e os compromissos permanecem no terreno distante dos impossíveis.

As discussões continuam a girar em torno de reclamações unilaterais, cada um dos Três Grandes apresentando a sua conta de saldos e irritando-se quando lhe pedem a respectiva demonstração.

De 18 para 19, o 1.º dia da paz é mais tolo. Outrora, quando da reunião de Londres, houve quem atribuisse às inconfidências dos correspondentes o tumultuoso desfecho desse encontro de ministros. No entanto, está provado que os jornalistas, como quase sempre acontece, limitaram-se a divulgar o que ouviam aos membros de cada uma das delegações.

A Conferência seguinte assistiu às discussões assanhadas entre Bevin e Vichinsky. A que em Paris precedeu a actual, caiu igualmente inulta.

A medida que umas atrás de outras, todas redundavam em falência, adando as questões mais agudas e não deixando no activo aquisições de muito, mais se aclarava que o problema da paz só reside em procurá-la, não seguindo os antigos moldes, mas conforme o clima do nosso e do novo tempo, num justo equilíbrio de forças. E é para este desiderato que as conferências se revelaram incapazes. O ambiente tornou-se mais crasso. Os grupos agourosos de uma nova guerra chegaram a anunciar a quase eminente. A situação evidentemente gravíssima que na nossa última crítica sintetizámos, apareceu implongível.

#### A VOZ DE SMUTS

No dia 20 foram publicadas as annunciadas declarações do presidente do Governo da União Sul-Africana, marechal Smuts, ao Parlamento reunido na cidade do Cabo.

O grande homem de Estado, que o é entre os maiores do seu nosso tempo, expressou a posição do seu país perante o problema internacional. Não quer isto dizer a sua infabilidade. O marechal já conseteu erro visível no seu famoso discurso proferido por ocasião da última visita que fez a Inglaterra, antes da invasão, ou, preferindo dizer, da decadência, a subalternização da França na política internacional — o que, felizmente para a Europa, para a latindade e para o mundo, não se verificou nem os conhecedores crentes no seu admirável potencial e prestígio acreditavam que se verificasse.

Mas, em outros ocasiões (sabe-se, por exemplo, como nesta guerra, o critério de Smuts foi sempre decisivo em Londres nas horas das resoluções mais graves), o marechal foi de uma precisão e visão luminosas, que aliás nos é muito agradável registar depois e na sequência da nossa primeira crítica.

Havia que definir uma orientação sul-africana ante a perspectiva de nas negociações do Cairo se não obter com eficiência a guarda ou reserva do Canal de Suez para as comunicações do Império britânico, entre as quais é primordial a do Cabo áquela capital egípcia. Smuts não prevê que tal suceda, com utilidade para o Egipto e para as necessidades da União, e escreve: «Não devida de que se esta rosa for interrompida ou posta em perigo, seria destruída uma das mais

importantes bases da paz mundial e da segurança».

De muito maior alcance foram, porém, as suas declarações em matéria de política internacional. O marechal, encarando de frente e com certos golpes, a actuação desconcertada dos Três Grandes, não remiu a cruzada da verdade:

«Se o actual estado de coisas persistir, grandes alterações surgirão — uma nova divisão da Europa será inevitável, com tremendo effectos para o futuro do Mundo e da paz mundial» — disse, e as palavras deveriam ressoar fortemente no Palácio do Luxemburgo, e até no Foreign Office.

Não foram, porém, menos vivas as seguintes afirmações:

«Não estou convencido de que exagere o perigo da situação, que se está criando no Velho Mundo. Todos supunham que, depois da guerra, com a vitória que se ganhou, o Mundo marcharia gradualmente para maior calma — para mais pacíficas condições. Mas — as coisas estão correndo, com a guerra terminada e a vitória obtida, mas sem a paz feita, tudo se está a mover em direcção oposta e revelando novos perigos».

Atacando a concepção explosiva da política de dois blocos, defendida por Churchill em Fulton, o marechal põe o dilema insofismável:

«O Mundo enfrenta duas alternativas. A primeira é o risco da divisão da Europa e do Mundo, mais uma vez, em dois campos. A segunda, é permitir que as questões se prolonguem indefinidamente no meio da confusão, o que torna a situação cada vez mais difícil».

Há em todas estas expressões uma pertinente latinidade. Smits entende que se as divergências entre os Três Grandes persistirem e se «a Rússia continuar a opor o seu veto aos acordos», então a Conferência da Paz deve realizar-se «na fase actual das questões para que esta não se prolongue», a despeito da oposição russa e das divergências existentes.

Byrnes já disse que os Estados Unidos convocariam a Conferência da Paz, ou seja a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas no caso de malogro no actual efforto empenhado em Paris. Este recurso assim posto terra, porém, todo o carácter de criar e consagrar a formação de um bloco anti-elavos, pois terra manifesta orientação de desfora. E Smuts foi ao encontro do perigo, responsabilizando em princípio os Três Grandes por terem fallhado à missão de preponderantes condutores que, por iniciativa própria e sem consultas prévias, assumiram. «Temos — disse — de reclamar que se detenha esta marcha para o desastre. Ina parte, pode conseguir-se concórdia e paz». E pela parte que os Três Grandes escutem — supramente a voz da África do Sul.

#### A SOLUÇÃO SUPREMA

As declarações do marechal firmam-se a partir daqui num relevo excepcional. Quem tomará a iniciativa da intervenção assim preconizada? A Comunidade das Nações Británicas, e não, evidentemente, o Foreign Office e o seu chefe Bevin, porque então seria pior a situação do que a do momento... de James Byrnes.

«Espero — afirmou Smuts — que a

Comunidade das Nações Británicas empregará o melhor dos seus efforts para restabelecer a paz na Europa que, nas actuais circunstâncias, está mergulhando num estado de triziteza e de abutimento. Entendo que a Comunidade das Nações Británicas tem uma grande responsabilidade a esse respeito. Não podemos, talvez, dispor de um colossal recurso em mão de obra, de grandes riquezas económicas, como algumas outras potências, mas temos um fundo de experiência e de precisão humana que julgamos serem de muito maior valor do que os recursos materiais. A necessidade de paz tornou-se agora tão grande, que não estaríamos fazendo o nosso dever, se não tentássemos, apesar de toda a oposição de todos os perigos, garanti-la na Europa».

A Comunidade das Nações Británicas introduz-se em defesa da Paz, talvez um pouco como o próprio Smuts nos conselhos realizado sem Londres durante a guerra. Como bases, estas: — 1.º, impedir que a maioria das nações faça tratados separados distintos, deixando que um grupo de minoria faça os seus próprios tratados, ou seja impedir os blocos de partidários e influências; 2.º, reverter à velha mais honesta e segura concepção de que o poder da ONU reside na sua assembleia de nações e não nos Três Grandes, e por consequência «numa única nação deve ter o direito de veto»; 3.º, solucionar o problema alemão, acabando com a divisão do território em quatro zonas, cujos resultados, como se tem visto, «ao fim e ao cabo parecerem ser piores do que a guerra», e portanto a solução do problema alemão tem de ser estabelecida para o conjunto de toda a nação vencedora, seja qual for a sua futura organização interior.

Eis, ao termo de um inquietante período do após-guerra, o quanto a nós, mais importante acontecimento, que marca uma decisão terminante, por um lado de pôr cobro à multiplicação do mau ambiente que com aumento erro de visão se tem feito à paz, sacrificando-se o seu alto objectivo humano a objectivos estreitos, de ideologias de combate; e por outro lado de concluir a paz internacional nas bases que ela deve ter para ser sólida.

#### PERSPECTIVAS

Poderíamos deter nesta altura as considerações que este acontecimento suscita. No entanto, é exigível que, mesmo em esboço, ele seja encarado num aspecto mais imediato.

Não teríamos decorrido talvez muitas semanas desde que os primeiros ministros das Nações que formam a Comunidade, vindos a Londres, dali partiram de regresso aos seus países.

A attitude tido decidida do marechal Smuts representa o cumprimento de deliberações tomadas nessa conferência imperial ou, ante o agravamento crescente da situação geral, de resultados de outra posteriormente acordada pelas nações membros da sua Comunidade, por iniciativa sul-africana?

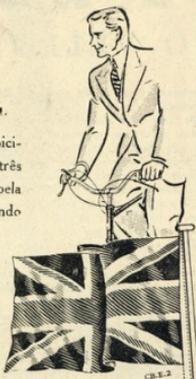
E de ter em memória que, como atrás notámos, a questão posto pelo marechal é contra blocos que cindam a Europa, ou seja contra a política que os Três Grandes têm seguido por demais estreitada nos seus resultados e no alarme que

As MELHORES bicicletas são INGLESA

**RALEIGH  
RUDGE  
HUMBER**

Por opinião pública, as melhores bicicletas inglesas ostentam estes três nomes e por isso são famosas pela sua qualidade em todo o Mundo

As bicicletas inglesas aperfechadas com Sturmey-Archer e com engrenagem para três mudanças têm a primazia em todo o Mundo



RALEIGH INDUSTRIES, LTD.  
NOTTINGHAM, ENGLAND

## OS "PUILOS DO EXÉRCITO" COMEÇARAM O SEU 35.º ANIVERSÁRIO



O sr. general Carmona procedendo à entrega dos prémios



O director dos Pupilos proferindo o sua allocução

COM a presença do Chefe do Estado, o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército comemorou o seu 35.º aniversário.

O director do Instituto, sr. coronel Santos Nogueira, proferiu uma allocução em que descreveu o que tem sido a vida d'aquelle estabelecimento de ensino.

Em seguida, o sr. general Carmona entregou os prémios: dinheiro, medalhas e diplomas aos alunos que se têm distinguido neste ano lectivo.

Houve também exercícos de manuseio de arma por uma companhia de alunos a dois pelotões, e em seguida uma secção de atradores, constituída por alguns do curso de sargentos milicianos, fez uma demonstração de s'atague a uma posição inimiga, com destruição duma faixa de arame farpado, pelos alunos sapadores.

A festa terminou com exercícos de ginástica e saltos, e com a inauguração, pelo Chefe do Estado, duma exposição de trabalhos dos alunos.

## UM GRITO DE ALARME

(Continuação da página 9)

a toda a pressa provoca a intervenção proclamada por Smuts. Sem poupar a consciencia russa, não sobre também as atitudes inglesa e norte-americana.

A intervenção apparece com todo o tom de uma rectificação geral e de salvação urgente, porventura em face de factos graves que a opinião pública mundial não conheça por equívoco.

O marechal, para assim falar, haveria de assegurar-se também, além da coordenação da Comunidade, dos effectos de melhor ou peor acolhimento que a iniciativa desta terra perante os Três Grandes. Do apoio da França, momentaneamente conduzida a sua politica exterior com firmeza por Bidault, resistindo às pressões do outro lado do Canal, e bem assim do aplauso e apoio dos chamados pequenos povos da Europa, das Américas e da Ásia, não há razões para duvidar, pois com acerto disse Smuts, que «a não

ser que se conclua a paz, os povos, neste pensam».

A conclusão sobre o destino da intervenção declarada pelo Primeiro Ministro sul-africano não se afigura difficil, nem o caracter que ela terá ou viria a ter offerece grandes dúvidas.

Mas se, por hipótese, a classe já consequente de uma deliberação tomada na reunião imperial de Londres, então bem poderia admitir-se uma viragem na politica externa britânica que certos factos teriam denunciado, sobretudo nos últimos dois meses, em redor de Bevin e da reforma do Foreign Office e do corpo diplomático fojado por ele, segundo pautas que devem ser ainda da época de Canning.

...Em qualquer caso seria bem interessante que um dia alguém anotasse que a paz teve seu symbolico berço no Cabo — da Boa Esperança!

## "CAMÕES HUMORISTA"

POR LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



LUÍS de Oliveira Guimarães, nosso brilhante colaborador, acaba de publicar, numa elegante edição, um estudo sobre o épico cantor dos «Lusíadas», que denominou: «Camões Humorista». Mais uma vez o cintilante espirito de Luís de Oliveira Guimarães aparece a exultar uma obra que, dentro da vasta bibliographia que, moesana, estava por escrever.

Numa jornada encantadora de graça, leveza aliada à profundidade critica, Luís de Oliveira Guimarães analisa os passos do poeta, para descobrir, aqui e além, entre mordente sarcasmo ou amarga ironia, a nota viva do humorismo.

Este livro do brilhante autor de «Mulheres na obra de Eça de Queiroz», veio assim trazer mais uma valiosa contribuição aos estudiosos e aos que por Camões têm um verdadeiro culto.

## A "Queima das Fitas" em Coimbra

NA reportagem photographica que há dias publicámos sobre as festas da «Queima das Fitas» em Coimbra, dissemos, por informação errada, que o carro classificado em primeiro lugar era o que representava um grande elegante branco. Comunico-lhes agora, amavelmente, a respectiva Comissão de Propaganda que o carro premiado é o que ostenta a figura do lobo do mar e se intitula «O barco salva vidas».

Aqui fica, pois, a rectificação, conforme nos é pedido, o que fazemos gostosamente.

a única  
**PASTA  
DENTÍFRICA**  
PARA MULHER ELEGANTE!

A mulher que cuida diariamente de sua maquiagem não pode usar uma pasta dentífrica qualquer mas sim, o único dentífrico que foi criado expressamente para ELA — Carim-creme Torero. Com elle terá os gengivas vermelhas e os dentes brancos e brilhantes.

DENTÍFRICO **CARMIM-CREME**  
**TOBERO**

FABRICADO COM PRODUTOS PURÍSSIMOS  
COMPLEMENTO IMPRESCINDÍVEL DA "MAQUILLAGE"  
HIGIENE ABSOLUTA DA BÓCA

**A MUNDIAL**  
SEGUROS

# A FAMILIA REAL ITALIANA EM PORTUGAL



O ex-rei Humberto, desembarcando do avião, no aeroporto



Após a chegada a Lisboa do ex-rei de Itália



Esté é o palácio onde se encontra vivendo a familia real italiana



As antigas alunas do Liceu Maria Amélia Vaz de Carvalho reúnem-se num almoço de confraternização em Sintro

## O LISBOETA E AS EXCURSÕES

AQUI, ao pé da minha porta, há um grupo excursionista de afirmadas tradições: os Inveníveis do Garfo. Compõe-se duma vintena de associados, tudo gente de trabalho, que durante cinquenta e duas semanas do ano, se cotiza para uma excursão às Caldas ou a Colares.

No fundo, o pitoresco do passeio está no prato, e a fraternidade camaradagem não dispensa o trofeu sagrado — que é o garrafilho.

Partem, num domingo de manhãzinha, em camioneta alugada, com cabazes de mantimentos, e regressam no outro dia, a cantar e a cantar e a alegres pelo turismo que fizeram.

Os inveníveis do Garfo têm por trás todos os anos uma ideia simpática: a de vestir três crianças.

Por isso, o estandarte do grupo ostenta, garbosamente, a palavra salutaríssima e caridáde. O grupo, passado a passeata foi longa. Correram a Colimbra e ao Husaco. O António Pinheiro, que é da direcção e orador oficial, esteve na Batalha a pôr um ramo de flores no Soldado Desconhecido e, na Anadia, nas caves, houve um repaato donde saiu tudo a passo trocado.

Nós, em Portugal, temos pouco o hábito de viajar. O que existe, com frequência, é o pique-nique, geralmente na Arrábida ou na Criteira. Excursões não se fazem — e já é ir fbra de pé atravessar a fronteira para ver uma tourada em Badajoz.

Enquanto, antes da guerra, todos os países da Europa organizavam, por agências de turismo, longos cruzeiros através dos continentes, nós, aqui, a vinte e cinco tostões por semana, cotizavamos-nos para chegar à Boca do Inferno. Evidentemente que se dirá que o nosso nível de vida não comporta o modo desta viagem. Não é exagero se dissermos que, quase todos os lisboetas, que vêm, em linha recta, de avoentões navegadores, só conhecem a travessia para a Costa nos dias caímos de Verão.

E, senão, se o mar está mais bravo, então, é bem verdade que isto de viajar necessita de dinheiro. É a única viagem que se pode fazer sem largar cheta, é o estribo da Carris. Da moda que ir a Colares, a Setúbal, mesmo ao Porto é, para nós, que fomos um povo de avoentões, uma odisséia que mete a família com os lenços a acenar na estação e alguns sóacos dos deuses queiridos. Deve ser quase a mesma coisa que a travessia do Atlântico ou da China a Califórnia.

Eis a razão porque este grupo de Inveníveis do Garfo tem provado — a mercê, por isso, destaque — o seu amor ao vizinho e a sua paixão pelas viagens. Há 20 anos que aqueles homens correm Portugal inteiro — a Colares e a vira-aversa — numa quilometragem

espaniosa. Segundo um mapa que têm na sede, já preferiram em camioneta, dois milheos de quilómetros, o que é, por si só, caso para ser citado como «récord» esmagador nas gastezas. No primeiro ano fizeram a grande viagem, denominada o «perlece dos saloais» — Malveira, Loures e Mafra. Viram o mosteiro, por fora — e o quartel. Almoçaram ao ar livre — e só com trinta quilómetros andados meteram os vinte sócos oitenta litros de vinho no bucho. Em Loures dormiram a sesta e, na Malveira, pararam a camioneta para comerem um farnel e um pouco de salsaagem que, se não enche o estômago, alegria, pelo menos, os olhos.

Desde então, todos os anos o grupo tem feito o seu passeio. Não há, é verdade, a curiosidade de ver terras. O grupo, nem a excursão, é para isso. Vai-se onde se possa comer bem. A Tomar, por exemplo, é engracado, sim senhor, bons queijos; Portalegre, ora essa, um enchido de se tirar o chafur; Cartaxo, com um nectar delicioso; e Aveiro? Bons angulas, caldeiradas fresquinhas — e ovos moles na estação. No grupo há uma divisa: «nada está primeiro do que o estômago». É por isso que os inveníveis do Garfo nunca tiveram uma dissidência — e todos são amigos, unidos pelo mesmo ideal. A função do grupo é mastigar. Ai do que rejeitar a comida ou bebida — é logo punido com um dia de jejum. Este ano o passeio vai ser mais longo — a Viana do Castelo — e a demora maior, por conseguinte oito dias. Como o dinheiro das cotizações não chegasse para tão turística jornada, a rapaziada, entre os conhecidos, possui uma rifa duma colcha, a cinco escudos, com o fim de vestir três crianças — forma humana de encobrir a estridia de vinte marionetas. Foi sorteadas pelo Santo António — e, como sempre, saiu a um senhor que estará eternamente ausente.

Agora com o dinheiro arreanhado, a passeata vai ser de cruzar o Atlântico, perante o empresário do grupo, anda a ensalar o hino dos inveníveis do Garfo.

Segundo já percebi, é um poema de culinária, onde se fala da sopa e do sobremesa. Levam, desta vez, uma guitarra e viola, além do Grilo, sanatário, que já cantou no Retiro da Custódia. Vai, também, um rapazote de sempreviva, que se entretém a sabê falar o pino. Acrescentem agora um maucaco e os vinte sóculos e veréis que, na verdade, é uma «troupe» capaz de fazer sucesso — e amearhar uns cobres na bandeja estendida.

Se ganharem dinheiro, para o ano, então, experimentar uma venturuzinha ao estrangeiro — a Avamonte, por ocasião da feira.

**O Balo da Moda não emriava**

*Que bela é uma manhã na praia!*

Que prazer gozar as suas delicias!

Porém, antes de expor-se ao sol e ao ar deve proteger a sua pele com **CREME NIVEA** ou **OLEO NIVEA** e assim diminuir o perigo das dolorosas queimaduras do sol. Nunca se exponha ao sol com o corpo molhado. Nivea penetra profundamente na pele sem abstruir os poros, dando um aspecto belo e juvenil que só a formosura de uma pele só pode proporcionar.

Pernon, Beares & Fernandes, Lda.  
39, Rue Sapateiros, Lisboa



Fórmula da F.N.A.T. cantando em 9.º ano do S. Américo Pinheiro



Um canto ao São João Leitão



A casa Grande da casa, em artefacto, está notável agraciada



Banda da pessoal do Casa Africana



Este é o grande orfeão da F.N.A.T.

**H**á duas instituições, com enorme distinção, no ensino musical da cidade e a grande delas é a F.N.A.T., fundada em 1954 por um grupo de jovens músicos, entusiastas e apaixonados, com o propósito de ensinar a música aos alunos da cidade.

Hoje em dia, a F.N.A.T. tem um grande número de alunos, que são ensinados por professores experientes e apaixonados, que os ensinam a tocar instrumentos musicais, a cantar e a tocar piano, além de outros instrumentos.

**H**á agora tempo que a F.N.A.T. tem um grande número de alunos, que são ensinados por professores experientes e apaixonados, que os ensinam a tocar instrumentos musicais, a cantar e a tocar piano, além de outros instrumentos.

Hoje em dia, a F.N.A.T. tem um grande número de alunos, que são ensinados por professores experientes e apaixonados, que os ensinam a tocar instrumentos musicais, a cantar e a tocar piano, além de outros instrumentos.

**H**á agora tempo que a F.N.A.T. tem um grande número de alunos, que são ensinados por professores experientes e apaixonados, que os ensinam a tocar instrumentos musicais, a cantar e a tocar piano, além de outros instrumentos.

Hoje em dia, a F.N.A.T. tem um grande número de alunos, que são ensinados por professores experientes e apaixonados, que os ensinam a tocar instrumentos musicais, a cantar e a tocar piano, além de outros instrumentos.

COMO FOI POSSÍVEL  
REUNIR O GRANDE  
ORFEÃO  
DA  
F. N. A. T.



Orfeão F.N.A.T. cantando em 9.º ano do S. Américo Pinheiro

## IMAGENS DO MUNDO

**A** primeira vez, o mundo viu a primeira mulher a ser eleita para o cargo de presidente de um país, quando a senhora Dwight D. Eisenhower foi eleita presidente dos Estados Unidos em 1952. Ela foi a primeira mulher a ocupar esse cargo.

**U**ma das primeiras coisas que se viu no espaço foi a primeira mulher a ir para o espaço, quando a senhora Valentina Tereshkova foi enviada para o espaço em 1962. Ela foi a primeira mulher a ir para o espaço.

*Ilustração: J.P.P., cartão para T. W. T.*




**U**ma mulher está no nome de Roma, mas tempo de muito tempo de Roma, quando a cidade se tornou a cidade de Roma. Ela foi a primeira mulher a ser eleita para o cargo de presidente dos Estados Unidos em 1952.



**F**ALTAM O PÃO, A CARNE E A MANTEIGA

As áreas de casa, em Nova York, são tão ruins como as de Europa. As áreas de casa, em Nova York, são tão ruins como as de Europa. As áreas de casa, em Nova York, são tão ruins como as de Europa.

*Foto distribuída pela Agência U.P.A.*



**U**ma mulher está no nome de Roma, mas tempo de muito tempo de Roma, quando a cidade se tornou a cidade de Roma. Ela foi a primeira mulher a ser eleita para o cargo de presidente dos Estados Unidos em 1952.

**PRODUTOS DE BELEZA  
PARA PELES SENSIVEIS**

CREMES  
BATONS  
ROUGES

PO' DARROZ  
CREME ROUGE

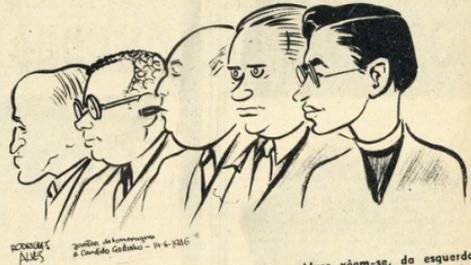
**Marcelle**  
HIPO-ALERGICOS

OS PRODUTOS DE BELEZA MAIS CATEGORISADOS DA AMÉRICA,  
APROVADOS PELA AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION

FABRICADOS E EMBALADOS EM  
CHICAGO - U. S. A.      ÚNICO REPRESENTANTE EXCLUSIVO: PAOLO COCCO  
RUA ANDRADE, 4, R/C. ESQ. — LISBOA



O sr. dr. Francisco Veloso pronunciando o seu discurso



Neste fagorante apontamento de Rodrigues Alves vêm-se, da esquerda para a direita. Dr. Francisco Veloso, Carlos Ferrão, Fernando Fragoço, Guedes de Amorim e Padre Diniz da Luz.

*O fogão que as senhoras esperavam...*

... E creiam que não esperaram em vão.  
Esta pequena maravilha realiza o seu ideal.  
Temos modelos de 2, 3 e 4 lumes, com forno.  
Experimente V Ex.\* a cozinha a gás asseada,  
rápida e perfeita  
O FOGÃO A GÁS HUSQVARNA É BOM  
PORQUE É

**HUSQVARNA**  
LUZUL

SOCIEDADE LUSO-SUECA, LIMITADA  
RUA ALEXANDRE HERCULANO 9 — LISBOA

**D**AMOS nestas páginas alguns aspectos do jantar de homenagem há dias oferecido no restaurante do Café Chiado, ao nosso director. A condecoração que lhe foi concedida recentemente pelo governo belga, foi o pretexto. Mas a verdade é que todos nos alegrámos por termos ocasião de ver reunidos à volta de José Cândido Godinho, tantos amigos e admiradores, figuras das mais representativas da literatura, da arte e do jornalismo.

Ao homenageado não pode ter deixado de ser grata a certeza de quanto é estimado pelos seus amigos e camaradas, e de que o seu esforço, na obra jornalística que empreendeu, não tem passado despercebido.

A nós todos, quantos o acompanhamos no dia a dia do trabalho da redacção, tal homenagem, satisfizes-nos, porque a compreendemos bem e porque sabemos

que o nosso director, de feito tão avesso a dar importância a si própria, a ela não pôde esquivar-se pela categoria intelectual das pessoas que a empreenderam e a ela se associaram, e pela certeza da rara sinceridade que a distinguiu.

Só depois de muito instado e com a condição de a tal homenagem não se rietta qualquer publicidade prévia, José Cândido Godinho accedeu em autorizar a sua realização. Mas há alguma coisa que não dependia de si-mem da sua resolução: — a muita amizade e admiração que os seus amigos lhe dedicam e tiveram o prazer de poder exteriorizar nessa homenagem a que não é exagero chamar um invulgar acto de justiça.

Assistiram ao banquete os srs. dr. Francisco Veloso, Leopoldo Nunes, Artur Por

**T R Ê S   A S P E C T O S**





Fala Leopoldo Nunes, bom jornalista e bom orador, que foi eloquente no seu discurso.



No momento em que o sr. dr. José Correia Ribeiro-usou da palavra

## A HOMENAGEM AO JORNALISTA

# JOSÉ CÂNDIDO GODINHO

DIRECTOR DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

lela, dr. Gino Saviotti, Carlos Per-  
rão, Guedes de Amorim, Fernando  
Fragoso, Armando Ferreira, Tomás  
Ribas, dr. Cunha Dias, escritores e  
jornalistas; dr. Alvaro Salema, Félix  
Correia, Luís Ferreira, Aníbal Na-  
zaré, Campos Júnior, Manuel Mar-  
tinho, José Luís Ribeiro, Cardoso Lo-  
pes, Mário Santos, António Felo, Fer-  
nanda Reis, Cerilo Damidó, Jornalistas,  
António Duarte, Martins Correia,  
José Farinha, escultores: Hugo Man-  
uel, professor do Conservatório; Ro-  
drigues Alves, Magalhães Filho, Vítor  
Rebocho, Baptista Rudy, Américo Ta-  
borda, Noel Perdigão, Domingos Sa-  
raiva, pintores; Borges Correia (Zeco),  
Rocha Vieira, Meco, José de Lemos,  
desenhadores; Pedrosa Martins, enge-  
nheiro, Pedro de Andrade, Manuel  
Rodrigues de Oliveira, Gustavo Alves,  
editores; Francisco Bertrand, Vicente  
Bertrand (representado por seu filho),  
José Sá Pílão, Industriais gráficos;  
José da Costa Pina, Alvaro Guerreiro,  
Eduardo Ferreira Calderon, José Va-  
lentim Lourenço, Rui Godinho, Fer-  
nando Khon, comerciantes; Arraújo Pe-  
reira, dr. Bruno Bonotto, técnicos de  
publicidade; dr. José Correia Ribeiro,  
médico; capitão Afonso de Carvalho,  
José Cortez Paiva, tradutor; António  
Monteiro de Matos, Nuno Calvet de  
Magalhães, chefes respectivamente  
dos serviços administrativos e de  
expansão da Empresa do «Jornal do  
Comércio»; Jorge Garcia, Armando  
Serdão, fotógrafos; Carlos Mendonça  
Freire e José Ernesto.

O dr. Luís de Oliveira Guimarães,  
por motivo profissional só pôde com-  
parecer no final do banquete. Apesar  
de inscrito, também não pôde com-

parecer o sr. D. Fernando Chaves,  
encarregado de Negócios do Equador.

\*\*\*

Por não lhes ser possível com-  
parecer, associaram-se à homenagem,  
felicitando o nosso director por carta,  
telegrama ou pessoalmente, os srs.  
Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro,  
dr. Lopes de Oliveira, dr. João de  
Barros, dr. Hamada Curto, Alves  
Redol, Roberto Nobre, dr. Ascensão  
Barbosa, Mário Domingues, Metzner  
Leone, João Falcão (de Coimbra),  
João Amaral Júnior, Rafael Marçal,  
dr. Sousa Costa e D. Emília de Sousa  
Costa (do Porto), escritores; dr. Fer-  
nando Teixeira, Manuela de Azevedo,  
dr. José Rodrigues Tocha, Mário  
Rocha, Edmundo Motreus, Gentil  
Marques, jornalistas; Manuel Santana,  
caricaturista; Cândido da Costa Pina,  
pintor; Maria Sidiónio, artista da Rá-  
dio; João Ortigão Ramos, Joy Cas-  
tilho, adido de imprensa à Embaixada  
dos Estados Unidos; Raul Luís Dias,  
Manuel Rodrigues Júnior, editores;  
Frederico Pavia, administrador-de-  
legado de «O Século»; António da  
Cunha de Sampayo, dr. João Valério  
Neves Pereira (por si e pela Casa  
de Entre-Douro-e-Minho, de cuja di-  
recção é Presidente), poeta Silva  
Bastos, Santos Mendes, realizador ci-  
nematográfico, António Maria Lopes,  
chefe da secretaria de «O Século»,  
D. José Barahona (Conde da Espe-  
rança), João Maria Ferreira, Custó-  
dio do Carmo, Vidal da Silva, Santos  
Cruz, Alberto Parada e Alfredo Go-  
mes da Silva (de Setúbal).



O momento mais emocionante da homenagem, que a assistência sublinhou com uma grande ovacão: a entrega da roseta da ordem da Coroa da Bélgica ao nosso director, feita por seu filho.

### S D O J A N T A R



**MAU HUMOR? . . . NÃO!  
MÁ DIGESTÃO**



O sistema nervoso mais forte não suporta a contínua tensão da dor persistente após as refeições. A vítima torna-se forçosamente excitada e irritável. O excesso de acidez (motivado pelos alimentos em processo de fermentação) é muitas vezes a causa das perturbações do estômago, tais como: azia, flatulência e sensação de peso. A Magnésia Bisurada proporciona ao doente pronto alívio destes incômodos gástricos, porque neutraliza a hiperacidez e promove uma digestão normal. Milhares de pessoas no mundo inteiro obtiveram benefícios duradouros, tomando Magnésia Bisurada, quando padeciam de perturbações gástricas.

**DIGESTÃO ASSEGURADA  
com MAGNÉSIA BISURADA**

À venda em todas as farmácias, a 15\$00 e 23\$00, pó ou comprimidos.

**TRÊS ASPÉCTOS  
DAS ELEIÇÕES EM ITALIA**



O Primeiro-Ministro, Gasperi, saindo do Parlamento depois da histórica reunião em que foi dado conhecimento do resultado do plebiscito que, automaticamente, o elevou a chefe do Estado.



No Palácio de Montecitorio são anunciados os resultados do plebiscito que deu a vitória à República



Forças do exército bloqueando o palácio de Montecitorio, o Parlamento de Roma, enquanto se aguardam os resultados do plebiscito

*A Belamecia*

Acaba de receber a meia de seda pura natural — SILKY — seu exclusivo, que apresenta ao preço de Esc. 75\$00.

É uma meia de seda pura de excepcional durabilidade.

É UM EXCLUSIVO DA

*Belamecia*

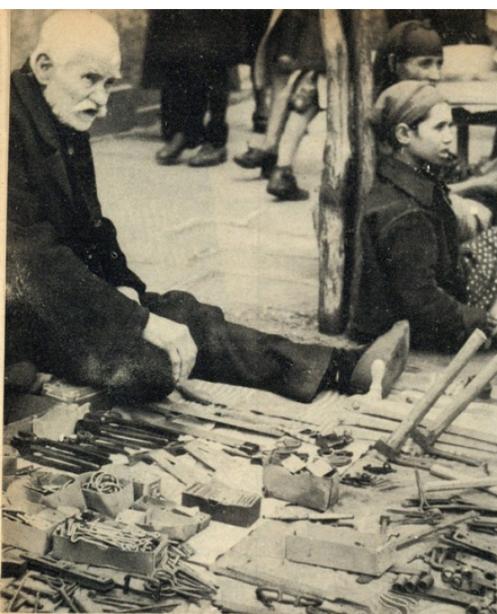
RUA SERPA PINTO, 16-D.

**DENTES  
BRANCOS E SÃOS**

*ll*

**SÓ COM  
DENTÍFRICOS  
CORTEZ**





1) Aqui, aguardando a freguesia... 2) Ali, há freguesias que rogetem muito antes de comprar...

## MAGENS DA CIDADE

# A FEIRA DA LADRA

1 Campo de Santa Clara é uma janelas sobre o casarão dos bairros pobres que se aproximam do Tejo. E aos sábados e às terças-feiras, a tradição da cidade antiga põe ali uma bandeira de lã: — a Feira da Ladra.

É o mais pitoresco mosteiro da sobrevivência do caso e do trapo, o mundo de desperdiçados úteis e das coisas velhas, cuja geografia é feita de remendos e destrosos. Há de tudo neste museu de raridades extravagantes e de sucatas, desde a poltrona esventrada que mostra os intestinos de estopa e crina; à cartola de cocheiro — último capítulo dumha história de boêmias e de tipicás; lutas que encorram apertíveis flâmbres estão agora cheias de pregos e de escápuas lambidas pela ferrugem; molduras em cujo dourado o tempo pôs decadas negras, mostram oleografias com motiões ingénuos, coleções de ferragens heterogêneas, desde as mais diversas roldanas a tesouras de folhas carcomidas pelo óxido e garfos desdentados que o azebre roeu; prateleiras arpanhadas pelos ferro-velhos; fragmentos de mal aspectos e felitos com os quais um curandeiro podia montar o seu laboratório de mezinhas; gra-

tuarias que mal poderão roufenhar com os discos indescritíveis que em tempos remotos declaram os índices de qualquer pensão; cômicas empenadas, de pés cuebrados e mordidas pelo curuncho; tabuletas com nomes de firmas que parecem ter existido há mil anos, de tal forma se lhes vincaram as rugas que estavam o pinho pintado; rodas de bicicletas ludo a lado com rumas de fascículos de Xavier de Montepin; caixas aleiadas que foram o bom gozo das saletas burguesas de há meio século; colchas cheirando a batfo aquerelas picaras em pedaços de cortiça, livros amarelados de texto manchado e engorduradas capas; brinde aos senhores aseinantes do «Diário de Notícias»; caixas que foram de charutos, atulhadas de parafusos, rolhas e misangas; pratos de barro salvos do naufrágio de qualquer casa de pasto; cordéis enfiados suspendendo montes de chaves de todos os modelos e lembrando tripas secas onde se expussem uns rins fabulosos; colarinhos de tarlana e de merlin, resquícios de saldos de armazém barateiro; armações de lavatórios, estatuas grotescas, cadeiros de oratório, exposições de botifarras cardadas, albuns com retratos absurdos de sembores de bigodões conselheiraisuma mescla inenarrável de objectos cuja utilidade deve ser muito precária...

Tem qualquer coisa de ladra morto que só interessa a curiosidades arqueológicas este imenso jazigo de bugigangas, à volta do qual palra o enxame dumha população flutuante digno de estudo. Aqui, um senhor de lunetas revolve sadicamente as moedas que se amontoam numa bandeja, à caia de alguma que por acaso lhe fête na sua mania numismática. Além, uma mulherzinha de challe experimenta, pela décima vez, um chinelo que devem ter algumas grações. Aquele, é um velho estudoso que nunca fête a presunção de alfarribôis, e já decerto contou numa roda de amigos, que adquiriu por meia dúzia tostões um precioso incubuão. Este, é um estudante da Médica que espera ter a sorte de encontrar um esqueleto ou simples caveira. Há reminiscências fugidias de certos ambientes que nós advinhámos, objectos que nos sorridem em que se confundem dir-se-iam ter uma secreta voz para contar ao nosso ouvido o papel que desempenharam em certos lugares, coisas que só de olhos semitidos, o poder de evocação que elas escondem como se fossem imagens em reflexo do tempo já vivido.

Na estola de armas torcidos que esta velhota coxa arrasta para o me-

turgio como um desejo que leva uma larva morta, teve talvez banquias de algista algum cândrio chilreante. A espada, que além se pendura, teatral e inútil, pertence — quem sabe? — a algum nome conhecido nos factos militares, e o violino que os olhos cobicosos dum curcunda estão ali a namorar trazem-nos à lembrança horas de sonho desfolhadas na triste realidade dumha Feira da Ladra... Algumas mulheres escolhem vestidos lanteolados de enfietes que estiveram em moda há trinta anos, boticas atracções de qualquer guarda-roupa vendido em almoceda. A miséria ter aqui também os seus ouropes. Compõem-se bragais de noivado com roupas de defuntos, experimentam-se sapatos absurdos, inquire-se o preço desta bengala de castão em cabeça de gato, ou daquella bojada terrina mil vezes concertada.

— Quinze escudos? Não pode ser menos?

Adifadado, domingheiro, o fotógrafo ambulante anda na pegada daquelas soperas que pararam um minuto diante da caixa mágica da sua máquina.

Os dois egros tocam e uma mulher esganica-na na lamúria dum fado de revista. Simão, caseiro de monte alentejano, de passagem na cidade, deu aqui um salto para lobrigar um folchinho.

Depois, a ladafadna dos pedintes:

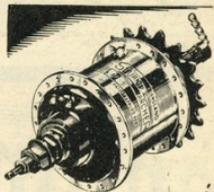
— Uma esmolta ao alejajinhão!

Um cuco empalhado olha rom as suas pupilas de vidro o espectáculo cheio de luz e de movimento. Indiferença de mímia às curiosidades fotográficas, ao creptar do assustro que lhe palra à volta, e aos interesses dessas gentes atreçadas nos mercados das suas ninharias... Chávenas rachadas, tinteiros com figuras dumha fantasia tridória, folhetos de literatura de cordel, cordas de amarras, baido que Nôe não imaginaria para a dura arca, flores de papel salticadas pela injúria das moscas, cachimbos envergonhados nos seus estojos, chapéus sol enormes como fabulosos cogumelos esburacados, estampas ingénuas de romaria, um amigama de pedras, um par de sapatos de couro, e cobricadas pela pobreza, o pesadelo dumha traca na noite lugubre dum sótão, um cenário de fantástica casa de penhores, as mãos soltas da mão onde a oferta e a procura se encontram num choque brutal, impiedoso.

Feira da Ladra!

Que panorama monstruoso de caricaturas!

JORGE RAMOS



*E' evidente que é o melhor porque é*  
**LIMPO, LUBRIFICADO, COMPLETAMENTE RESGUARDADO E DE FABRICO INGLÊS.**  
**STURMEY-ARCHER**  
**CARRETS PARA BICICLETAS**

STURMEY-ARCHER GEARS LTD.  
NOTTINGHAM, ENGLAND



Num colégio norte-americano, excepcionalmente prática, os alunos praticam o atletismo, que fará delas professoras de ginástica ou dirigentes de campos de jogos nos cidades.

## FILOSOFIA DO AMOR NO FAR-WEST

**B**OB Crosby da Califórnia é um herói do erodeo e um enérgico domador de potros. Nenhum caso do seu corpo está inteiro, excepto, é claro, a espinha dorsal...

Pois este senhor declara que é mais difícil domar uma mulher do que um potro, e resumindo as suas experiências de vida agreste, acrescentou:

— Os cavalos são como as mulheres: preocupam-se conosco um pouco por afecção, mas muito mais por medo!  
Terá razão?

## COMO UM JUDEU ESPERTO SALVOU UMA VALIOSA COLEÇÃO ARTISTICA

**R**OBERT Scharf, judeu austriaco, vivia há muito na Alemanha. Era possuidor de uma valiosa coleção de esboços e desenhos de Manet, Renoir, Toulouse-Lautrec, Matisse, Picasso e de outros mestres do Impressionismo.

Quando Hitler deu ordem de perseguir e espolar os judeus, Scharf achou que o melhor que tinha a fazer era não sonhegar a coleção.

Meteu-se a caminho da Austria sem esconder os quadros. Teve, no entanto, o cuidado de lhe pôr baixo o nome de pintores judeus.

Perante os funcionários da fronteira, declarou que o «fuherrer» não desejava na Alemanha exemplares da arte degenerada dos judeus. Por isso ele, Scharf, os ia levar para a Austria, a fim de libertar a grande Alemanha daquela peste artistica.

De facto, os funcionários, ou por cega obediência ou porque lhes desagrada «fuherrer» ou porque lhes desagrada «fuherrer» as audacia artistica manifestadas nos quadros, acharam muito bem que Scharf os levasse para a Austria.

— O «fuherrer» tem muita razão! São horríveis! Leve isso daqui quanto antes!

Assim pôde o judeu atravessar a fronteira com o seu tesouro artistico a salvo da cobra nazi.

**Rainha da Hungria**  
OS PRODUTOS DE BELEZA HA MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

**MEIAS • LUVAS**  
**ROSIGAR**  
R. DA ASSUNÇÃO 71 LISBOA  
LOJA EXPANDIR

# Enigmas

Orientado por Leiria Das

## 1.º TORNEIO—PROBLEMA N.º 10 ENVENENADA

«Deixei minha mulher a ler quando saí depois de jantar. Não notei nada de especial nas suas atitudes, a não ser a grande depressão moral que ultimamente a dominava, desde que o médico confessara não haver qualquer esperança de cura para a paralisia que, há uns meses, a tolheu completamente de todo o lado direito. Quando voltei encontré-a morta e com facilidade verifiquei que se envenenara ingerindo uma dose excessivamente elevada do medicamento que andava a tomar. Sobre a mesinha de cabeceira via-se o papel por ela escrito e que já dei ao sr. Inspector».

Erão estas as palavras que o marido da morta assinara como seu depoimento.  
Depois de as ter lido, o nosso Inspector dispõe a proceder ao exame do quarto de dormir de Madame Lemos, onde esta appareceu morta, envenenada, de facto, pela absorção duma dose elevadissima do remédio que normalmente tomava.  
Madame Lemos estava detida, parecendo dormir, completamente deitada debaixo da roupa, que se encontrava entalada sob o colchão. Em cima da mesinha de cabeceira via-se um pequeno candeeiro electrico, um lápis affiado, um copo,

várias aparas de maquetra, uma colher de chá, um canivete aberto, o frasco do remédio e um fragmento do bico do lápis.

O Inspector, depois de terminado o seu exame, pergunta atida ao dono da casa:  
— Tudo no quarto se encontra tal qual estava quando regressou à noite?

— Absolutamente, sr. Inspector!  
Acendendo o cachimbo inspirador, o Inspector lêu, mais uma vez, o papel que o viúvo lhe entregara e que, segundo elle dizia, fôra escrito por sua mulher, e estava sobre a mesinha de cabeceira.

Dizia assim: «Não posso mais suportar esta vida de inútil que o destino me deu. Perdidas as esperanças de cura [um pequeno rubrico demonstra que o bico do lápis se partira; depois continuava] só me resta acabar com este sofrimento. Perdoo-me! — Beatriz Lemos».

requis-se:  
a) Quais as conclusões do Inspector?  
b) Em que razões se baseou?  
Mandem-nos as vossas decifrações até 4 de Julho p. f., para a Rua da Emenda, 69-2, indicando que se destina à Secção «Enigmas».



### PROBLEMA N.º 7 DECIFRAÇÃO

«O Inspector prendeu o declarante vendo que elle mentia, pois a fuga de gaz a matar, no barracão, o homem, mataria também o cãozito. Bastante estranho me parece a posição do morto, para quem devia estar a dormir, pois só assim se admite que o gaz o vitimasse. Julgo que o pobre homem foi assassinado noutro local e conduzido para ali».

Estes períodos, que constituem a solução enviada pela nossa gentil e hábil colaboradora Maria Luiza, encerram, em todas as suas pormenores, a verdadeira decifração do problema.

A lista completa dos seus decifradores é a seguinte:  
Com 10 pontos: Philo Vance, Maria Luiza, Raposo, Oraval, Aguiar, Elviro, Joca, Xis, Mr. J. G. Reeder e Rocambolê (69); Juvenal de Oliveira (64); Reportér 8, Agente Koka Tudo e Detective Aguiar (62); Artur Varatojo (60); Rial Verro (58); Jorge Belo (57); Licam (54); Mário Marques (52); R. P. (48); Fanasha (43); Adolfo Lima (37); Pereira Soares (35); Jomos (27) e Sete de Espadas (20).  
Com 7: Erbeio, Orval, Sr. Dell e Dropé (6).  
Com 2: Príncipeante, Lisboaeta e Kazola (5).

### POSTA RESTANTE

Rial Verro — Conte-lhe 10 pontos no problema n.º 6. Vou tentar que concorra até ao fim, embora a sua saída para o Funchal complete o caso. Mandei sempre as soluções na volta do correio, para ver se conseguimos aproveitá-las. Aguardo a sua morada para lhe escrever, Saudações.  
Licam e Jorge Belo — As vossas soluções do problema n.º 6 vieram atiradas, mas contê-lhes 5 pontos. Os concorrentes não estão a cumprir os prazos e obrigam-me a passar a ser rigoroso.

### COM VISTAM AO II TORNEIO

Agradecemos a todos os colaboradores que já não prometeram o envio de problemas, o rápido interesse demonstrado por esta secção.  
Andamos a estudar a forma de fazer uma classificação por equipas, conforme nos foi sugerido por vários concorrentes.

# A POESIA INGLESA CONTEMPORÂNEA

## POESIA E DESCOBERTA INTERIOR

**S** E na poesia se buscasse exclusivamente uma representação de cadências e ritmos, de mera musicalidade formal, o seu destino seria muito estreito e transitório. Sabe-se que ao fracassarem as tentativas parnasianas nesse sentido; e sabe-se que a poesia restringida à forma, veículo de sensações, que pretendam fazê-la também as surrealistas na sua pior fase, pouco mais valeria do que um ocioso jogo sem duração nem eco nas almas, talvez muito curioso mas essencialmente desprezível. O que engrandece e justifica a poesia como arte é o seu poder de representação transfiguradora; é o seu sentido, as suas implicações, os seus indiretos espetáculos de sensibilidade, de consciência ou de vida. O que distingue o artista do "fazedor de versos", dizia Goethe, é a inquietação; e esta terá que exprimir-se incoracavelmente como descoberta interior, aprofundamento de auto-consciência, reflexo externo de longos processos íntimos, mesmo quando lhe estão associados problemas essenciais da vida externa. A poesia humanista e progressiva do nosso tempo, com as suas intenções de efeito, de *verve* ou inspiração no terreno da vida que todos os homens *carthagen*, quase esqueço-lho algumas vezes; mas muito mais *s'esquece a poesia em nervo e sem ansiedade, mero delicto de palavras cuja sonoridade se perde no espaço sem deixar de si coisa alguma, que faz da forma a essência e da composição todo o destino da poesia.*

### «PEGADAS DE SANGUE», por Carlos Cunha

De um recente da provincia, desfilam dos ambientes e grupos que determinam os consensos as vozes literárias. Carlos Cunha traz neste de de versos que se lamenta ser tão breve uma brilhante revelação de personalidade poética. Não se contenta com a expressão simples ou ingénua de lirismo tradicional que ainda perdura nos meios literários provincianos, não acerta a forma e estilos de composição que a grande maioria do publico ainda preferia, tantas vezes atira-o pelo convencionalismo a um estreiteza de vocações positivas que as cultivavam. Os seus versos são largos, no sentido mais denso da palavra: largos na forma, que se desdobra em constantes mutações e num ritmo que traduz brilhantemente as vastidões de espaço e de alma; largos no sentimento poético que traduzem e em que se envoltam o reflexo da natureza numa consciência vibrátil, os estados íntimos da melancolia, do sonho, do desenganço ou da esperança e as aspirações humanas mais vastas, clamando pela redenção.

Se quisermos aproximar Carlos Cunha a algum poeta contemporâneo consagrado, como meio de referência, é para José Régio que devemos voltar-nos — mas um Régio menos absorvido nos dramas interiores e mais aberto a uma mais aberta para as ansiedades humanas que se debatem no mundo de todos:

*Despoja a vida, não sonhes  
Enche as veias de revolta  
Contra a miséria da terra  
Contra as rotas do roteiro  
Contra os corações do fisco  
Contra os laços do casório  
Contra a tística dos filhos  
Contra o frio, a fome e a febre  
Contra o dobrar de cebraes  
Em corpos chateados.*

É no poema «Revolta dos Anjos», talvez, que esse eco do estilo poético de Régio se faz sentir mais fortemente, mais possal Carlos Cunha o domínio das variáveis, e os seus versos encontramos múltiplas direcções de sentido e de forma que renovam a todo o instante a sua inesperada sedução. Deve libertar-se, com melhor domínio de estilo nas imagens de certos delictos que se deparam com surpresa e desagrado em alguns dos poemas agora publicados. É no sol desolado em hemopti-

ses de luz: «...a terra negra era uma negra história, em copúlas de enxadas», etc. Com um refinamento neste este aspecto, a poesia de Carlos Cunha pode vir a ser uma das mais belas revelações da literatura nova.

### «CONFIANÇA», por Cabral do Nascimento

Ao cabo de uma obra poética já longa em que se encontram belas composições líricas, Cabral do Nascimento não consegue revelar em «Confiança», há pouco publicado, alguma coisa de novo e forte. Os seus versos caracterizam-se por uma cadência leve e harmoniosa, mas monótona como melopéa que se avai da pressa e não chega a imprimir no espirito ou no sentimento de quem os lê um cubro perdurável. Os dramas íntimos que exprime são apenas os da vida sem cor do dia a dia; a paisagem exterior a que recorre como fonte de imagens ou referências de sentido psicológico, é apenas luminada e não sentido ou descrita. «Bacia, sob o céu indolente», como é próprio escrever, a transmutação do sentido ou do intelectual pela poesia é que sempre pobre e magro neste sentido. Em suma a impressão que nos deixa Cabral do Nascimento em «Confiança» é a de uma poesia evanescente, apagada literalmente sob um mal do tédio.

Em poemas breves, como «Não vou peço», chega a criar a expectativa de um lirismo mais forte e mais denso; mas logo os versos de andamento ascensional declinam e apagam em fórmulas rápidas e sem cor. Estas observações não sustentem a crítica, pois a poesia de Cabral do Nascimento seja medior; propõe-se relativamente a uma poesia de elevado nível, que por isso mesmo tem de ser pulgada com mais rigor. É que este escritor manja o conceito formal como raros poetas portugueses do nosso tempo. Nisto, é muito eficaz. Sem embargo de um poético definido e magistralmente trabalhado, mestre de verificação em que se conciliam com excepcional acerto o tradicional e o moderno, talento criador inspirado por uma cultura literária muito rica, Cabral do Nas-

A poesia inglesa, uma das formas mais claudras e genuínas da expressão literária desse povo, atravessa novamente uma fase de ressurcimento em que se afirmam numerosos valores inspirados em estilos e temperamentos muito diversos mas caracterizados pela idêntica conciliação do sentido da vida interior com o mundo exterior. Além de T. S. Eliot, há um pouco conhecido entre nós, salientamos Stephen Spender, Shelley, Mac Neice, Alex Comfort, Edith Sitwell, Henry Treece, Vernon Watkins e vários outros; nos últimos tempos tem ganhado prestígio crescente, não só no seu país mas nos meios literários de diversos outros o poeta Louis Mac Neice. Fazendo parte do célebre «grupo de Auden» que se propunha, já há cerca de quinze anos, fazer da poesia «a expressão de uma tendência», Louis Mac Neice publicou numerosos livros de versos, entre os quais se destacam «A Terra obriga», «Diário de Outono» e «Tram-polim», que é considerado a mais perfeita das suas obras. Numa entrevista recente, declarou este escritor: «Esforcei-me, com os meus camaradas, por escrever uma poesia social, na sequência de Shelley; mas nem então, nem agora, entreguel completamente a minha poesia a tirania de um credo». Com perto de quarenta anos, actualmente, Mac Neice está na plena maturidade da sua criação lírica, em que se reconhecem os ecos estranhos, inquietos e irónicos da sua origem irlandesa. Foi professor de grego em Londres e trabalha há seis anos na B.B.C. Mais inclinado agora para a poesia interiorista, não detixa de reflectir ainda vivamente

### Louis MacNeice

suas preocupações progressistas da sua ideologia social. É um coruleto do valor humano da acção, embora nos seus versos refira muitas vezes o drama da incomunicabilidade das almas que permanece através do sentimento comunitário em face do destino e das possibilidades de aperfeiçoamento social. De tudo isso provém uma melancolia latente nos seus poemas, ao mesmo tempo que certo profetismo intencional o inspira na representação dos estados de consciência colectivos. As suas composições mais belas e de mais fácil compreensão para leitores latinos são «Epitáfio para poetas liberais», «O Heino» e «Não nasci ainda» — obras de harmonia profunda e brilhante estilo que fazem compreender muito bem a sua admiração confessada por Shelley e Keats.

## CRÍTICA

cimento faz sentir mais vivamente a espécie de futilidade de conteúdo da maioria dos seus versos. Encanta muitas vezes; nunca chega a empolgar. Nem por isso devem deixar de se ler alguns dos seus poemas como «Quantas vezes» e «Andam bolando» que resgatam o autor de certas fragilidades e desse sentido morno e apagado da vida que não consegue exprimir o desejo vigor os lampejos trágicos da vida ou os contrastes humanos com significação mais original.

### «AO NASCER DO SOL», por Maria de Graça Varela Cid

Um livro de sonetos escrito por uma criança de doze anos implica embaraçosos condicionamentos de juízo; mas neste de Maria da Graça Varela Cid mais surpreende e inquieta a estranha coracção formal que se observa nas suas composições, sim-

ples e ingenuas no que representam, como não podia deixar de ser, mas prescisa na expressão e na cadência. Há muito pouco infantilidade em certos versos desta colectânea, sobretudo quando a própria autora se proclama infantil. E se alguns sonetos parecem exercícios de composição escolar, o que ainda seria apreciável, se tivessem mais leveza, em outros depara-se um misticismo precoce que desconcerta. A juvenil autora manifesta, todavia, talento excepcional de composição, métrica correctíssima, capacidade formal notável e, por vezes, um senso do colorido e da expressão espiritual directa que impressionam. O soneto «descombinamento», por exemplo, é uma promessa brilhante de magnífica poesia. Inexperiente e grácil, é uma revelação que merece ser observada na hipótese de mais expressivas criações futuras.

## FACE DE PAPEL

— Herimilho de Oliveira publicará no próximo mês de Outubro um livro de poesias com certos infanfs e familiares, de *Um Anjo*, a que deu o título de «B66».

— Rocha Martins, constante trabalhador da imprensa, publica pela Editorial Inquérito um novo livro, «Coação portuguesa», em que se exprime o ambiente moral e cívico despojado em Portugal pelas invasões napoleónicas.

— Livraria Académica Editora, de Coimbra, publicou um notável estudo de puericultura e educação infantil sob o título de «Princípios básicos salubres e modernos pelo Dr. António Correla. Completa-o num tratado sobre higiene e tratamento das crianças, intitulado «O que não

se deve fazer», da autoria do médico Dr. Gilberto Vasco.

— Adolfo Simões Müller publicou o «Capitão da Morte», evocação para a gente editada por Santana Rodrigues, do explorador polar Comandante Robert Scott.

— Empresa Contemporânea de Edições publicou o «Abade Farias», estudo biográfico sobre a conhecida personagem por Santana Rodrigues.

— «A poesia de Jules Supervielle» é um brilhante ensaio de Casals Monteiro que a Editora «Confiança» apresentou ultimamente.

— Tem constituído grande êxito a tradução portuguesa da última obra de Stefan Zweig, «O mundo de ontem», em que se desenvolvem novas perspectivas sobre o grande escritor e o seu tempo.

— Na Coleção dos Clássicos Sd da Cento editada a «Vida de D. Fr. Luís de Sousa, escrupulosamente facticiada e anotada pelo Prof. A. Heis Machado.



Uma imagem admirável de Linda Christian, escultora viva — Vênus do século XX, nascida dos ondas...

\*\*\*\*\*

# CONTAS ERIALDAS

POR FERNANDO FRAGOSO

**C**ONHECER previamente o custo do filme que vai entrar em produção — é dos problemas mais importantes, dentro da economia da indústria cinematográfica. O produtor consciencioso e com o sentido claro das responsabilidades quererá saber, tão aproximadamente quanto possível, o preço da película que vai lançar no mercado, para em face das possibilidades que esta lhe oferece, agir de forma a não comprometer o equilíbrio entre o custo do produto e a capacidade económica do meio em que o vai explorar. A previsão é mais importante ainda quando a empresa produtora se constituiu com a finalidade de realizar um único filme. Porque, então, do resultado económico da exploração do mesmo, dependerá a morte ou a glória dos produtores. Por outro lado, quando o custo mínimo do produto vive paradas meias com a possibilidade máxima do rendimento — e é esse o caso dos países com reduzido número de cinemas e mercados restritos além-fronteiras — o orçamento do filme constitui a pedra angular da economia da produção.

Pergunta-se: em Portugal, o problema terá sido encarado com a atenção que requer? Os produtores nacionais souberam sempre quanto lhes iria custar cada um dos seus filmes, antes da primeira volta de manivela? O custo real coincidiu com o montante previsto, mesmo entrando em linha de conta com o factor normal de correctivo, inerente a todo o orçamento, por mais bem elaborado que seja??

Se olharmos para o passado, temos de concluir que, as mais das vezes, as respostas foram negativas. O filme orçamentado em 500 contos, custou 1.500; o que se supuzera não exceder os 1.200 atingiu a cifra dos 1.800; e a super-produção calculada em 2.500 rondou a baliza dos 4.000. O que não significa que não se tenham realizado filmes dentro das verbas previamente fixadas. Quer dizer: a experiência demonstrou que é possível, entre nós, calcular previamente o custo dum filme. No entanto, por via de regra, as despesas vão muito além da verba antecipadamente fixada.

São inúmeras as razões que justificam esta incerteza — e que fazem, tantas vezes, da produção de filmes um manancial de surpresas desagradáveis. Em qualquer dos

casos, o orçamento foi deficientemente organizado, por inconsciência ou incompetência daqueles que o elaboraram. Não entramos em linha de conta, evidentemente, com os motivos de força maior — doença de actores, etc. — que só por si podem agravar o custo da produção. Mas este é o caso menos vulgar, inconsciência ou incompetência que se reflectem sob muitos aspectos, quer omitindo no orçamento rubricas que correspondem a despesas certas e que depois surgem como inesperadas — quer ainda por falta de noção do trabalho a executar e por consequente supor que determinada cena, a realizar no exterior, se poderia filmar em dois dias, quando qualquer profissional experiente imediatamente lhe daria o prazo mínimo de uma semana, para a rodagem respectiva.

Por muito estranho que pareça, há pessoas que se supõem capazes de orçamentar o filme, tendo apenas como pontos de referência o tema, os nomes dos intérpretes e dos técnicos que vão intervir na filmagem — e pouco mais. Ora é impossível elaborar o orçamento dum filme antes de conhecer o plano de trabalho, que assenta por sua vez no guião definitivo. Só então será possível calcular a duração das filmagens, o número de sessões de cada intérprete, os dias de actividade no estúdio e no exterior, o número de cenários, as peças do guarda-roupa, as exigências de figuração e adereços, etc., etc.

No entanto, por mais que a necessidade do plano de trabalho se afirme indispensável para a elaboração criteriosa dum orçamento, a maior parte das vezes o custo do filme é calculado sobre bases falíveis — e só quando se chega a dois terços da filmagem se verifica, com assombro, que a verba fixada se revela manifestamente insuficiente.

Calcular o preço dum filme sem os elementos fornecidos pelo plano de trabalho — é o mesmo que querer addivir o custo duma viagem, sem conhecer o destino, o percurso, os meios de transporte, o tempo de estadia em cada ponto de escala, etc.

No entanto, ainda hoje, a cada passo, se segue tão lamentável sistema. E é por essas e outras razões que os filmes portugueses, as mais das vezes, param a meio ou a meio terços do caminho, e acabam por ficar a pé o resto do percurso...

\*\*\*\*\*

Betty Grable, a loira-explosivo, faz o etoilettes no seu abdução, com um or não natural que dir-se-ia ignorar a presença do fotógrafo. Betty continua a ser uma das favoritas do público americano, e um recente inquérito entre os G.I. desmobilizados figura à cabeça, entre todas as spin-up girls, que alegraram os porões dos seus camaratas.

Não, leitores! Não é só no cinema que há beijos desta! Aqui têm um beijo conjugal, ardente, arrebatado — um beijo de amor e de paixão. Protagonistas: Harry James e sua mulher Betty Grable. Um daqueles beijos que fariam perder o fôlego a qualquer mortal que não fosse Harry James — o quem o treino do estrompetten conferiu uma resistência muito especial...

## VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo





Uma imagem da possada grandiosa dos estúdios da Ufa, na Alemanha. No seu camarim, Mady Rahl descansa num intervalo da filmagem, enquanto um dos assistentes escolhe os discos das canções do filme que nesse altura ela estava interpretando.

## UMA REPORTAGEM DRAMÁTICA SOBRE A SITUAÇÃO DO CINEMA NA ALEMANHA RODEADOS DE ARAME FARPADO, OS ESTUDIOS DA UFA ABRIGAM HOJE OS DESTROÇOS DO EXÉRCITO GERMANICO

COMO se comporta a Alemanha, cinematográficamente, em face da derrota. Um jornalista francês traça-nos este quadro da vida em Berlim:

«À hora do almoço, aproximavamos da cidade. Estamos num bairro ligado à história do cinema, com a sua hora de celebridade. É o Ufastadt Babelsberg. A via férrea corre ao longo dos estúdios, sobre os quais flutua a bandeira soviética. Uma barreira de arame farpado rodeia a Hollywood alemã. A encantadora cidade, afogada no arvoredo, depressa esqueceu o projectores e o brilho dos trajes, o sorriso ambíguo da Brigitte Helm, da Lydia Harrova, ou mais recentemente, da Marikka Rökk. Ufastadt Babelsberg é hoje simplesmente um campo de concentração de prisioneiros, como tantos outros da Alemanha, que as sentinelas soviéticas, de grande capote e botas altas, vigiam, de metralhadora em punho. Foi ali, mais tarde, tinham-me dito em Berlim que jamais os estúdios da Ufa retomariam a sua actividade. E acredito, boamente. Esses changaresos que abrigam hoje os destroços do exército alemão, só no nome é que são estúdios. Foi incapaz de reconhecer o menor vestígio do «plateau», duma varanda de projectores, duma sala de projecção ou montagem. Não. Restam apenas «changares», banais, nus e tristes.

O jornalista, depois de ter aludido à popularidade de Marikka Rökk entre as tropas francesas acantonadas em Baden-Baden, refere alguns passos da entrevista com Hans Albers. É regista a seguinte confissão do famoso actor: — Que posso dizer-lhe do cinema alemão? Não viu as nossas cidades? E as nossas populações que morrem de fome? Conhece a cifra dos nossos mortos? Pois bem: em face dessas realidades, nada conta. Nem a interrupção momentânea da actividade cinematográfica, nem as proibições de actuar que impendem sobre certas vedetas, muitas das quais apreciavam demasiadamente os subsídios dos serviços de propaganda «nazis».

E, mais adiante, Hans Albers afirmou resolutamente:

— Por agora, não quero abandonar a Alemanha! Estou a representar «Liloms», em Berlim. Dentro em breve, representá-lo-ei, perante as tropas francesas, na Renania. Dentro de seis meses, ou um ano, filmarei em Inglaterra, ou, talvez, em Hollywood.

O jornalista francês comentou estas palavras nos seguintes termos: «E ficámos por aqui. Sentiu-se que Hans Albers queria redimir o cinema alemão de todos os seus erros. Mas muitas, entre nós, pensam, com razão, que é demasiado tarde».



**PHILIPS**  
**1946**



Marika Rökk, que foi a vedeta mais pagada do cinema alemão, vive à margem dos estúdios — embora se admita a hipótese de sua próxima ida para Hollywood.

**JOSÉ COSTA**  
**AGENTE OFICIAL DA**  
**'PHILIPS'**  
**11, RUA DE S. PAULO, 13 — LISBOA**  
\*\*\*\*\*

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

CAPITULO XXXI

## A FORTALEZA EUROPEIA

### FORÇAS DE FERRÃO



continente, se extinguir a assumir novas e mais pesadas responsabilidades.

Para fazer face a esta campanha que tomava, à medida que o tempo decorria, proporções cada vez mais ameaçadoras, o embaixador da Grã Bretanha em Washington publicou no jornal «The American» um artigo documentado que causou, na altura em que apareceu uma justificada sensação. «É lamentável que haja neste país, dizia Halifax, pessoas que dão ouvidos à propaganda insidiosa do inimigo e que colaboram conscientemente numa campanha cuja única e verdadeira finalidade consiste em nos dividir. A liberdade constitui o fundamento da nossa união que deve ser inseparável e é pela liberdade que nós continuamos a combater aqui e no Império britânico. Nada poderia ser mais agradável ao Reich hitleriano do que a dissolução da Comunidade britânica a qual continuava a participar no bom combate para a redenção do mundo com a totalidade dos seus recursos e das suas possibilidades».

O debate que já então começava igualmente a tratar-se sobre o futuro da aviação civil era outro motivo de divergência entre a Grã Bretanha e os Estados Unidos que continuaria a fazer sentir os seus efeitos, apesar dos esforços enviados por personalidades de relevo de um e outro lado do Atlântico para limitar os seus estragos.

Este assunto começou a ser amplamente debatido pela imprensa dos dois países. Em Inglaterra firmou-se a convicção de que o auxílio que os americanos estavam a prestar à causa comum, através da lei de Empréstimo e Arrendamento, se traduziria, em última análise, pela cessão de bases aéreas em todos os continentes para o que no futuro elas pudessem ser utilizadas exclusivamente pelas forças militares dos Estados Unidos.

#### WALLACE PROCURA SALVAR A UNIDADE ANGLO-SAXÓNICA

Perante o recrutamento ameaçador destas campanhas, o gesto de Lord Halifax foi limitado pelo vice-presidente dos Estados Unidos, Wallace, cuja situação junto de Roosevelt era excepcionalmente favorável e cuja influência pessoal nas fileiras do partido democrático não deixara de se acentuar durante os últimos tempos.

Nesse artigo Wallace dizia, entre outras coisas: «A propaganda insidiosa que está a ser feita no nosso país e que representa apenas a sobrevivência de uma nova forma de isolacionismo, não é perigosa, como aquela que conhecemos, pode conduzir em linha recta a uma terceira conflagração mundial. Está a desenvolver-se um movimento que, a triunfar no futuro, nos faria regressar ao tempo em que construímos, com os resultados que são conhecidos, uma muralha aduaneira em volta do território do nosso país. Essa política levaria em linha recta ao totalitarismo que assim triunfaria na paz depois de ter sido derrotado nos campos de batalha. Se quisermos ganhar a paz, como estamos a ganhar a guerra, é indispensável que colaboremos franca e sinceramente com os outros povos. A ideia de que devem ser autorizados os nossos aviadores a voarem sobre território estrangeiro, não consentindo em contrapartida que os aviadores estrangeiros voem sobre o nosso território, representa o cúmulo do absurdo, já ela conduziria a um imperialismo americano idêntico a todos os outros imperialismos, daqueles desde já a assentar em que de pouco terá valido o sacrifício daqueles que estão a combater heroicamente em todas as latitudes».

Nesse caso podemos encerrar, desde já, a hipótese de uma terceira con-

flagração mundial preparando-nos para ela. Tudo depende do que conseguirmos fazer durante os dez anos que se seguirem ao termo das hostilidades as quais representarão um período crucial para os destinos do mundo e para o futuro da humanidade».

#### OS PROBLEMAS RELACIONADOS COM A AVIAÇÃO CIVIL NO «POST-GUERRA»

O adjunto do Secretário dos Negócios Estrangeiros, norte americano, Berle, foi especialmente encarregado pelo governo norte americano de estudar as questões relacionadas com o futuro da aviação civil para o que tinha uma autoridade e uma experiência muito especial. Depondo perante uma das mais importantes comissões do Senado, Berle declarou que, de todos os problemas que os Estados Unidos seriam obrigados a enfrentar depois do termo das hostilidades, o da aviação civil era, sem dúvida, o mais importante.

A consideração de todas estas dificuldades tornava cada vez mais imperiosa a necessidade de uma franca e clara troca de impressões entre os dirigentes de Londres e Washington, a fim de eliminar todos os mal entendidos que não deixaríamos certamente, de se agravar se não se tomasse a iniciativa de os esclarecer rapidamente.

Para isso não bastavam certamente,

as negociações que prosseguiram incessantemente entre os peritos dos dois países. Os encontros frequentemente celebrados entre o Primeiro ministro, Churchill, e o presidente Roosevelt decorriam num nível mais elevado o qual se não adaptava à discussão de assuntos de importância secundária quando se considerava a magnitude da tarefa que os dois homens haviam assumido e que podia resumir-se nestas palavras: ganhar a guerra.

Foi por isso considerado da maior conveniência deslocar a Washington uma personalidade política de categoria e influência que, pela sua situação oficial e pelos seus dotes pessoais, estivesse em condições de discutir os aspectos lamentáveis das recentes polémicas anglo-americanas e, ao mesmo tempo, os resolvesse de acordo com os interesses dos dois países e com os supremos interesses da causa aliada. A escolha recaiu no Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, Anthony Eden, que gozava nos meios norte americanos de uma excelente reputação conquistada em virtude da sua dedicação pelos Aliados e da sua incontestável idoneidade para tratar os problemas políticos e diplomáticos encontrando para eles soluções adequadas e apaziguadoras. Os méritos de negociador de Eden foram, de novo, ser postos à prova numa ocasião difícil.

(Continua)

## COMPANHIA ALCOBIA

Fornecedores dos melhores e mais liados mobiliários

CÓMODAS DE ESTILO — PORCELANAS DE SAXE — ESPELHOS DE VENEZA — CANDÉIROS DE CRISTAL, DE FERRO FORJADO E DE MADEIRA — TAPÊÇARIAS — MARQUISSETES E VOILES SUÍÇOS — CARPETES DE LÃ

## COMPANHIA ALCOBIA

RUA IVENS, 14 (ESQUINA DA RUA CAPELO) — TELEF. 2 6441

EDEN

ESTA interpretação dos factos levava, naturalmente, à conclusão de que o elemento predominante na coligação totalitária era o império nipónico o que constituía a mais perigosa negação das realidades que era possível combater. Mas nem por isso a opinião de que se tornava indispensável intensificar a luta contra o Japão, relegando para segundo plano a luta na Europa, deixava de influenciar um número, cada vez maior, de pessoas entre as quais se recrutavam individualidades da maior categoria e influência na vida americana.

#### UM ARTIGO DE LORD HALIFAX

Em alguns dos mais importantes artigos da Imprensa dos Estados Unidos o imperialismo britânico era denunciado diariamente como o maior perigo que ameaçava a espécie humana e o futuro do mundo. Este sentimento era ainda agravado pelo facto de não haver uma participação activa da Grã Bretanha na luta do Extremo Oriente. A constatação e a simultaneidade destes factos levava muitos americanos à conclusão de que os ingleses no dia em que terminassem as hostilidades no nosso

## RAPAZ DO RAPAZO

É GRAVISSIMO

abandonar-se às dispendiosas tolices que multiplicam em seu rosto os pontos negros, seções ou papulões — de não fumar as consequências

evita não apenas hoje mesmo o «Erythrone-Lotion», para se libertar imediatamente (vê o efeito sobre o teu rosto)

**EMBRYODINE — LOTION**

(uma associação biológica do

**EMBRYODINE LABS. OF N. Y. C. INC.**

Enviamos, contra simples pedido, as opiniões de ilustres médicos, sobre as especialidades EMBRYODINE. Um frasco 30800.

A venda nos bons estabelecimentos. Agente geral para Portugal e Espanha: J. SANTOS — Rua Santo Ildefonso, 29 — Porto. Distribuidores no continente: ANTONIO FERREIRA PINHO, Lda. — Rua dos Correioes, 123-1. — Lisboa.

# PASTA MEDICINAL

## Conto

TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo 11\$00  
 Medicinal grande — tubo 17\$50  
 Vulgar pequena — tubo 4\$00  
 Vulgar grande — tubo 7\$00

**Tiká MATA**  
 PERCEVEJOS  
 BARATAS  
 PULGAS  
 TRACA

À VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena ..... 3\$00  
 Caixa grande ..... 8\$00

Dep.º: **COUTO, L. de** — Porto  
 L. S. Domingos, 105



## Petróleo «PIVER»

O PETRÓLEO «PIVER» foi estudado com todos os cuidados e atenções, pelos cientistas franceses, para revigoramento do cabelo.

A sua acção físico-química faz-se depressa sentir e manifesta óptimos resultados.

**LT. PIVER**

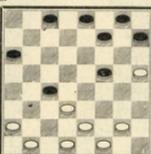


## DAMAS

UMA PARTIDA DE «DAMAS».  
 (L. Gaspar) (G. Marques)  
 (Chamusa) (C. de Pera)

10-14	1.º	23-19
14-23	2.º	28-19
9-13	3.º	19-15
12-19	4.º	22-15
11-20	5.º	24-15
5-10	6.º	32-28
1-5	7.º	27-22
13-18	8.º	22-13
10-17	9.º	21-18
7-11	10.º	28-24

Posição do jogo ao 10.º lance das pretas:



11-20	11.º	24-15
3-7	12.º	31-28
7-11	13.º	28-24
11-20	14.º	24-15
4-7	15.º	18-14
5-10	16.º	14-5
2-9	17.º	30-27
7-11	18.º	15-12
8-15	19.º	27-23
11-14	20.º	25-21
6-10	21.º	.....

E as pretas abundam.

## KADREZ

PROBLEMA N.º 37  
 Por Dr. Monteiro da Silveira (Brasil)



2 lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 36  
 1. B—G3...

## PALAVRAS TROPOLÓGICAS

Dados elucidativos para a decifração e resolução dos problemas de PALAVRAS TROPOLÓGICAS, nova modalidade de enigma

Para a destinação desta nova modalidade de enigma, há que ter em vista o seguinte:  
 Conforme o enunciado determinar, a palavra respectiva ao seu sinónimo collocar-se-á na linha horizontal do número pedido, para a esquerda ou direita do traço negro colocado ao centro do quadro desenhado.  
 Contudo, examinemos o exemplo a seguir exposto, pois nos transportará à plena compreensão do problema.

Suponhamos que no problema, se nos apresentam estas duas palavras:

COAR — AROU

Certos que de cada uma destas palavras tem que sair uma letra, vejamos como esta é tirada.  
 Para se encontrar a letra que se vai colocar no primeiro quadrado da coluna do lado esquerdo, há apenas que atender ao seguinte: verifica-se qual a letra da palavra do lado esquerdo (neste caso a palavra COAR) que não figura no do lado direito.

# PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES  
 Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês, 54 a Bandeira, 106, 3.º — LISBOA

## PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

Solução do problema n.º 7



## CORRESPONDÊNCIA

Matus Além (Coimbra) — Obrigado. Esperamos que nos remeta o nome e morada.

Jaime Borges (Lisboa) — Recebemos a sua solução e a sua morada.

Joby (Coimbra) — Agradamos que nos envie seu nome e morada.  
 António José Loureiro (Póvoa do Varzim) — Os seus problemas estão sendo analisados. Se estiverem em condições, um será publicado em «Hála», conforme seu desejo.

## ¡Nervosos! ¡Esgotados!

C excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produzem um desgaste no seu sistema nervoso, a partir mais sobre do organismo.



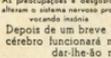
Os males, sempre molestos, tornam-se insuportáveis quando os nervos estão alterados



Quando os nervos estão inflacionados a mínima queixa interfere-se com violência



Ao preocupações e desgastes alteram o sistema nervoso provocando insónia



Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornam-se mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.



Para sempre o legitimo Fósforo Ferrero



Os nervos cansados são responsáveis da sua fadiga e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade.

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorre com confiança ao Fósforo Ferrero.

Para sempre o legitimo Fósforo Ferrero

Quem tem sido forte não pode nem deve abandonar os seus músculos a um permanente inutilidade

Quem tem sido forte não pode nem deve abandonar os seus músculos a um permanente inutilidade

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornam-se mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Para sempre o legitimo Fósforo Ferrero

Venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

## Fósforo Ferrero

SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

# UM NOVO MODELO DE CALÇAS

O senhor Preston Sturges, argumentista e realizador de cinema, proprietário de um hotel, dramaturgo e inventor de um «bátom» à prova de beijo (!), acaba de criar as calças que a artista Frances Ramsden aqui exhibe.

Repare-se como um homem com tantas profissões ainda tem tempo para se dedicar à criação de novas modas!



Frances Ramsden demonstra como as calças de cinta exageradamente larga se adaptam ao corpo



O excesso da cinta é disposto de modo a formar duas pregas iguais



Um cinto largo segura as pregas das calças



Frances Ramsden faz umas calças, cuja confecção é extraordinariamente fácil.



A artista exhibe-se em frente do criador das calças. Ele, porém, está a telefonar, talvez já a tratar de novo invento...

